

I. INTRODUÇÃO: CARUARU E SUA FEIRA

É como poderíamos intitular esta parte do Relatório circunstanciado, ou *Dossiê*. Pois, a cidade e a Feira se imbricam, se entrosam uma na outra, se expandem ao mesmo tempo, aquela dependendo quase sempre desta, pois a cidade nasceu da Feira, e com a Feira. Não há como separar uma da outra: compositores, cantadores de cordel, o grande Luiz Gonzaga, que imortalizou a canção de Onildo Almeida, memorialistas, já vinham alertando, há tempos, para a inseparabilidade das duas. As pesquisas, documentais e de campo, vieram confirmar a *voz do povo*: a Feira é de Caruaru. Caruaru parece viver *para e em função de* sua Feira. Como ontem, assim continua hoje, apesar do propalado *Maior e Melhor São João do Mundo*, como a propaganda disseminada pelos poderes municipais caruaruenses e os estaduais pernambucanos orgulhosa e interesseiramente propalam, fazendo frente à idêntica campanha realizada pela *Rainha da Borborema*, a cidade de Campina Grande/ PB.

Este relatório foi composto por mim, como parte de minhas funções de Coordenador Técnico do Inventário, mas, não teria existido sem o trabalho e a dedicação apaixonada dos pesquisadores e do fotógrafo, todos alunos e alunas da UFPE. Tem muito de cada um/uma neste trabalho, cujos nomes completos já foram expostos na Ficha Técnica: Janine, Jacira, Bárbara - a *Baby Luna* -, João Paulo, Carlos Frederico - o *Cacá*, todos na pesquisa de campo, e Felipe Peres Calheiros, na atividade de fotógrafo e cinegrafista/ etnógrafo.

Todos, como eu, deixaram-se contaminar pela paixão pelo tema, pelo cenário que aos poucos se enche e incha de gente, de enormes carros-de-mão, de fardos levados às costas, de buzinas de veículos automotores, sempre todos os dias, porém, sobretudo nas segundas-feiras, de madrugada, dia da Feira da Sulanca¹; pela atividade vibrante do povo, em sua luta pela subsistência, trazendo seus produtos dos sítios, de municípios vizinhos - como Santa Cruz do Capibaribe, a cidade originária da Sulanca, e Toritama, a “capital dos jeans” - em carros fretados ou em lombos de montarias; pela produção da beleza interior do povo, retratada no artesanato e no cordel, por exemplo; pela carnavalização - em puro estilo de Bakhtin - da Feira do Gado, onde um dos nossos pesquisadores, assustado pelo assanhamento de um dos bois, encarapitou-se num muro de uma altura que, em circunstâncias normais, ele não seria capaz de subir; pela criatividade estampada nas criações das alpercatas, sandálias de couro e, principalmente, das confecções populares da Feira da Sulanca *que é pra matuto não andá nu (!)* É só pra matuto a Feira da Sulanca? A pesquisa demonstrou que não!

Pena que Walter Benjamin, que descreveu com tintas tão pitorescas o Mercado de Moscou, não tenha sobrevivido para fazer o mesmo em Caruaru! Que belas e interessantes páginas o genial filósofo social não teria criado, então!

¹ Neste ano de 2006, ano da produção deste Dossiê, a Feira da Sulanca foi mudada para as terças-feiras.

Em agosto de 2004, o IPHAN deu o sinal verde para iniciarmos a primeira parte da pesquisa: o Levantamento Preliminar. Vieram dois técnicos do IPHAN para proporcionar o treinamento da equipe de pesquisadores, cujos nomes e situação acadêmica já foram descritos na Ficha Técnica, já escolhida anteriormente, por processo de seleção. Com a volta dos técnicos Ana Gita Oliveira e Marcus Vinicius para Brasília, demos prosseguimento ao treinamento, aproveitando a experiência já adquirida com a metodologia do INRC, aprendida e vivenciada em pesquisa iniciada sobre os bens culturais do Litoral Norte de Pernambuco, infelizmente interrompida.

Terminado o treinamento, foi iniciada a primeira etapa do Inventário: o Levantamento Preliminar, com as fases da pesquisa documental e da pesquisa de campo, que se estenderam até dezembro daquele ano. As idas a campo aconteciam nos finais de semana, sendo que duas vezes fomos no domingo à noite: dormimos em Caruaru, a fim de pesquisarmos a Feira da Sulanca desde o início de suas atividades, às quatro horas da manhã. Numa destas ocasiões, demoramos até a terça-feira, para observarmos e entrevistarmos boiadeiros e seguranças noturnos da Feira do Gado, na segunda à noite, voltando para lá na manhã da terça, para cobrir as atividades e o seu funcionamento - a todo vapor - e mapear seu espaço.

No mês de janeiro de 2005, foram concluídas as correções das fichas preenchidas e realizado o fechamento definitivo desta fase, com a composição, por mim, do Relatório Preliminar. Este foi enviado, posteriormente, para os componentes da Diretoria de Cultura da Prefeitura de Caruaru, para as eventuais correções e complementações, servindo também de subsídio, juntamente com este Dossiê, para a produção do vídeo, patrocinado pela Prefeitura Municipal.

Em maio de 2005, demos início à segunda etapa da pesquisa: o Inventário propriamente dito. A partir desta fase, contamos com a participação do pesquisador Gustavo Miranda, caruaruense, autor de uma bela e rica de conteúdo *Monografia de Conclusão de Graduação em Arquitetura, sobre a Feira de Caruaru* - incluída também no Dossiê completo deste Inventário. Continuamos com a metodologia de trabalho iniciada no Levantamento Preliminar: reuniões semanais, na sede do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/ PPGA da UFPE, ou no IPHAN, e as idas a campo. Estas se reduziram às necessidades específicas de complementação de dados que faltavam nas fichas do Levantamento Preliminar, ou para entrevistarmos contatos importantes, filmar entrevistas e ambientes, completar a pesquisa no Alto do Moura - identificado por nós como uma *Localidade*, ainda hoje importantíssimo, à Feira. Também foram visitadas Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, estas duas cidades próximas a Caruaru, identificadas, nas nossas discussões, como *Lugares Associados* importantes à Feira.

Deste modo, podemos listar, nas duas etapas descritas acima, trinta e seis reuniões semanais, ricas em reflexões, estudos e tomadas de decisões, estas muito necessárias, numa metodologia que demanda criatividade e iniciativas; encontros nos quais houve sempre a participação das Coordenadoras Institucionais do Projeto - as técnicas da 5ª

Superintendência Regional do IPHAN, já apresentadas na Ficha Técnica. Além das reuniões, tivemos dezoito idas programadas a campo para observação e tiragem de fotos das diversas *feiras* e do Alto do Moura, além de trinta e três visitas para entrevistar os interlocutores privilegiados, colher biografias, fotografar e filmar contatos importantes.

Além disso, na qualidade de Coordenador Técnico do Projeto, participei de diversas viagens a Caruaru para contatos com a Diretoria de Cultura do Município, acompanhando as profissionais técnicas da 5ª SR, em 2005, além de três viagens acompanhando pessoal técnico do IPHAN Nacional: a Coordenadora do Setor de Registros, Ana Claudia Lima Alves, e uma destas justamente para participar da solenidade de solicitação ao atual Presidente do IPHAN da abertura do processo para declarar a Feira de Caruaru Patrimônio Cultural Brasileiro e sua inscrição no Livro de Registros de Lugar, realizada em 24 de fevereiro de 2006. As visitas a Toritama e Santa Cruz e as tomadas de depoimentos e entrega de materiais escritos (livros, *folders*, etc.) sobre as atividades da produção popular de confecções foram realizadas pelas duas Coordenadoras Institucionais do Projeto.

Realizei, ainda, três viagens a Caruaru, em março de 2006, para complementar algumas tomadas de depoimentos, recomendadas pela Coordenadora Nacional de Registros e, sobretudo, para gravar meu depoimento no vídeo - preparado pela Prefeitura Municipal - sobre a Feira. Totalizaram-se, então, vinte e três idas a campo.

Finalizo esta Introdução com a bonita frase de José Mário Austregésilo:

“A temporalidade do que se pode chamar de “nenhum lugar” aponta para os retratos que os rostos apresentam no queimado do sol que identifica, além da pele, homens e mulheres que, ali instalados, realizaram no tempo a exposição de suas trocas. A produção de cultura que resulta desse processo ergue um espaço, onde o real e o imaginário mesclam as fronteiras de unidades, binarismos recalcitrantes de um entendimento maior do povo nordestino. É o rosto o próprio retrato, a coleção infinita da formação cultural de um povo espalhado pelo mundo, espalhado dentro da feira” (AUSTREGÉSILO, 2006).

II. O SÍTIO FÍSICO: MUNICÍPIO DE CARUARU

2.1. Localização

O município de Caruaru está localizado na mesorregião do Agreste Pernambucano e na microrregião do Vale do Ipojuca, a aproximadamente 140km do Recife, com acesso direto pela BR 232 e cruzado pela BR 104. Possui extensão territorial de 928,1km². Possui altitude de 554m acima do nível do mar, 8° 17' de latitude e 35° 58' 34" de longitude. As bacias hidrográficas existentes no município são as do Rio Capibaribe e Ipojuca. É limitado pelos seguintes municípios: ao Norte, por Toritama, Vertentes e Frei Miguelinho; a Oeste, por Brejo da Madre de Deus e São Caetano; ao Sul, por Agrestina e Altinho; e a Leste, por Riacho das Almas e Bezerros.

Caruaru possui quatro distritos jurídico-administrativos: **Carapotós, Gonçalves Ferreira, Lajedo do Cedro e a sede do município, a cidade de Caruaru**, que conta com vinte e sete bairros. Ambas as localidades inventariadas, o *Perímetro Urbano* e o *Alto do Moura*, encontram-se na cidade de Caruaru, já que a Feira pesquisada surgiu no centro da cidade e a arte figurativa, um dos seus setores mais fortes e representativos, é produzida principalmente no Alto do Moura.

2.2. Paisagem Natural

Entre os principais destaques, na paisagem natural do município, enumeramos:

Morro do Bom Jesus: Elevação geográfica, 88m acima do nível médio da cidade e com grande visibilidade de muitos pontos de Caruaru. Localiza-se no centro da cidade e, para a população, é uma expressiva referência geográfica, além de, para outros, servir de moradia, já que se inicia um processo de ocupação desordenada desse morro, dado que a fama de que “em Caruaru há trabalho”, “dá para ganhar a vida”, vem atraindo uma migração interna e externa expressiva, não só de pobres e desempregados, mas de profissionais liberais, comerciantes e outros setores ocupacionais, que migram do Recife e de municípios e estados vizinhos. A fama de Caruaru, indicada pela revista *Exame*, em edição de alguns anos atrás, dentre as cem cidades brasileiras onde se pode prosperar, além do relativo conforto em termos de condições de moradia, hotelaria, lazer, rede de ensino médio e universitário de bom nível, tem atraído também o segmento da classe média interessado em cidades de médio porte, para fazer de Caruaru domicílio permanente.

Serra dos Cavalos: Marco natural de Caruaru e único local de preservação ambiental do município, situada a aproximadamente 30km do centro da cidade. Na maior área de Mata Atlântica do interior do Estado, encontramos o Parque Ecológico Prof. João Vasconcelos Sobrinho, parque ecológico municipal, e também mananciais que abastecem de água a

cidade, como o Açude de Serra dos Cavalos. O nome do local deve-se ao fato de que, no inverno, era impossível trafegar de carro por suas ladeiras. O único meio de se chegar à serra era a cavalo.

Passeando por lá, vêem-se açudes que ajudam no fornecimento de água para a cidade e uma vegetação riquíssima. Também existem alguns mirantes naturais com belas vistas e várias trilhas usadas por ecoturistas. Representa para a população um local que se deve preservar para educar as gerações atuais e futuras, alertando-as sobre a proteção ao meio ambiente, pois é a única área verde de importância em Caruaru.

Outros dados deste item podem ser encontrados nas Fichas do Sítio e das Localidades.

2.3. Marcos Edificados

Passemos agora aos principais marcos edificados da cidade:

Estação Ferroviária: Construída em 1895, com o nome da companhia inglesa dos trens, *Great Western*, serviu por muito tempo de entreposto comercial e ponto de parada para quem se locomovia do Litoral para o Sertão do Estado, já que se situa no centro da cidade. Atualmente, é memória do passado e tem uma parte utilizada como centro cultural e outra desativada. Serviu nas décadas de 1980 a 2000 como local de desembarque das pessoas e grupos que vinham para o São João de Caruaru, no mês de junho, trafegando no “Trem do Forró”. Um descarrilamento da composição, ocorrido, ao que parece, em 2000, cancelou esta promoção turística. Hoje, o “Trem do Forró” carrega passageiros até o município do Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do Recife.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição: Remonta a uma capela do século XVIII, construída por José Rodrigues da Cruz, na Fazenda Caruru², que, posteriormente, deu origem ao município. Reformada e ampliada ao longo do século XIX, adquiriu as características arquitetônicas que permanecem até hoje: planta tradicional em cruz latina, simétrico em planta e fachada, com cobertura em duas águas, apresentando estrutura de madeira revestida em telhas de cerâmica.

Não se pode afirmar que seja essa edificação um exemplar monumental da arquitetura barroca ou neoclássica, embora demonstre características do passado colonial. Isto se justifica pela época de construção e pela localização geográfica, distante dos centros difusores dessas arquiteturas. Portanto, a igreja foi construída de acordo com o saber local, ressaltando a arquitetura vernacular.

Visto como o edifício mais marcante da época, a Capela de Nossa Senhora da Conceição foi construída em 1781, com aspecto simples, constando de duas partes bem distintas: o corpo central e a capela-mor, diferente do seu aspecto atual, com duas torres. No pátio em frente a ela, após a ampliação que a transformou na igreja hoje existente, foi colocado um cruzeiro, transferido posteriormente para o Morro do Bom Jesus.

² Cf. a história da Capela e da origem do município no item seguinte: *Informações Históricas e Bibliográficas*.

A construção dessa capela foi um impulso para o crescimento urbano do povoado, no século XVIII, já que no pátio em frente a ela foi disposta a pequena feira - secundando a compra e venda do gado que ali passava rumo ao Sertão e/ou também estacionava - com produtos que abasteciam as fazendas e as casas da vila de Caruaru. Assim, pessoas que iam apenas rezar na única capela da região, passaram a comprar, então, nesse pequeno comércio ao ar livre, aumentando cada vez mais o fluxo de compradores na povoação. (MIRANDA, 2004, p. 23). Atualmente, ela se constitui como um marco religioso e, na visão da população local, importante referência cultural para a cidade.

Igreja N. Sra. Das Dores: Construída em 1846, com um estilo arquitetônico semelhante ao da Igreja da Conceição, foi destruída, porém, por ameaça de desmoronamento, e reconstruída na década de 60, em forma de cone. Junto a ela encontra-se o Palácio do Bispo. Localiza-se no centro da cidade e tem uso atual religioso e cultural, por ser - a santa que dá nome ao templo - a padroeira da cidade.

Alto do Moura: Maior centro de Artes Figurativas da América Latina, segundo a UNESCO, é um bairro de Caruaru, situado a aproximadamente 7Km do centro da cidade, povoado predominantemente por artesãos - cerca de 1.000 trabalhadores do barro, sobretudo, mas também de madeira e de outros materiais. Constitui um conjunto populacional de potencial enorme para a produção de formas de expressão cultural. Destaca-se, também, por ter sido o local de nascimento do Mestre Vitalino e do Mestre Galdino, grandes ceramistas, conhecidos nacional e internacionalmente por seus bonecos de barro. Tudo isso faz dele um lugar onde a cultura regional permanece quase intacta e sempre se renovando, abastecendo continuamente a Feira de Artesanato de Caruaru, além de ser um local onde muitos moradores encontram seu sustento, baseado na venda desses produtos.

Parque 18 de Maio: Abriga atualmente a Feira de Caruaru, mas já foi o Campo de Monta, pertencente ao Ministério da Agricultura, onde se realizava o abate e a reprodução de animais. Na década de 80, esse espaço, com mais de 150ha, começou a ser utilizado para a transferência de parte da Feira, que até então se encontrava no centro. Desde 1992, toda a Feira acontece lá. Esse espaço foi escolhido por se encontrar bem próximo ao centro da cidade, e cada vez mais é pensado pelas pessoas como local onde se pode encontrar tudo que se procura e como meio de vida, principalmente para quem trabalha na Feira da Sulanca e na do Artesanato.

Pátio do Forró: Neste local ocorre a maior festa da cidade, o *São João*, conhecido nacional e internacionalmente. No começo do século 20, este lugar era marcado pela fábrica de beneficiamento do algodão que era trazido do Agreste e do Sertão do Estado, por isso há ainda a edificação maior, hoje Espaço Cultural, e outra menor, o Museu Luiz “Lua” Gonzaga, com peças de artesãos de Caruaru e da região circunvizinha. No Pátio do Forró, há festividades no período que vai do fim de maio até o início de julho, sendo, então, um lugar onde mais de cem mil pessoas passam, por fim de semana, para festejar o São João na “Capital do Forró”, caracterizando-se para a população como um local de festa e diversão para a cidade, além de uma enorme fonte sazonal de emprego e renda.

Os dados expostos acima se completam com informações mais detalhadas das duas Localidades em que foi dividido o Sítio Físico: O ***Perímetro Urbano de Caruaru*** e o ***Alto do Moura***.

2.4. Localidade: Perímetro Urbano, Incluindo a Feira do Gado

A Feira de Caruaru, incluindo-se aí a Feira do Gado, foi localizada no centro da cidade, mais propriamente na Rua do Comércio, por quase dois séculos, até ser transferida, em 1992, para o **Parque 18 de Maio** (foto), situado na margem sul do Rio Ipojuca, enquanto que a do Gado foi localizada em terreno próximo ao Aeroporto e ao Distrito Industrial, no bairro denominado *Cajá*.



Essa relocação foi determinante para a melhoria da qualidade no fluxo de pedestres e de veículos em Caruaru, principalmente a partir da década de 70, já que no Parque 18 de Maio há vias específicas internas que dão acesso aos automóveis, além de estacionamentos, sem o problema de cruzamento entre pedestres e veículos, bem como uma área de mais de 150ha, enquanto o centro possuía um espaço limitado pelas ruas, medindo apenas 22ha. Essa mudança fez com que houvesse um crescimento no

número de feirantes em mais de 500% - de cinco mil em 1970 para vinte e oito mil em 2004. Já a Feira do Gado, conta hoje com área para venda e exposição de animais e um matadouro próximo, além de seções de venda de gado caprino, eqüinos e aves. Nessa Feira circulam mais de dez mil animais por mês, gerando mais de um milhão de reais por semana, quantia que quase dobra na época da safra ou do “boi gordo”.

Já as doze ou treze “Feiras” situadas no Parque atendem, atualmente, mais de um milhão de pessoas por ano, que recorrem aos vinte e oito mil feirantes, atraídos pela diversidade de produtos vendidos, desde roupa até frutas, passando por importados e miudezas e o popular “troca-troca”. Só a Feira da Sulanca arrecada, segundo a Associação de Feirantes de Artesanato, mais de vinte e dois milhões de reais por semana, em média. Toda essa imensidão dos números se reflete no espaço usado pelos feirantes, que usam cada vez mais as ruas do entorno do Parque para negociarem.

Dados das Feiras de Frutas e Verduras, Sulanca e de Artesanato - Ano de 2004

Tipo da feira	Nº. de comerciantes	Nº. de compradores	Valor comercializado em 2004 (R\$/ média)
Frutas e Verduras	5.900	20.000/ semana	3 milhões/semana
Sulanca	12.000 +10.000 invasores (sic)	100.000 alta estação 35.000 baixa estação	22 milhões/semana
Artesanato	400	10.000/semana	20 milhões/ baixa estação/ semana 40 milhões/ alta estação/ semana

FONTES: Coordenadoria de Comunicação - PMC, Associação dos Sulanqueiros de Caruaru, Associação dos Feirantes de Artesanato de Caruaru.

Dentre os principais marcos edificadas nesta Localidade, destacamos:

Administração das Feiras e Mercados (Chalé do Campo de Monta): Essa edificação serviu por muito tempo como residência dos engenheiros agrônomos que trabalhavam no Campo



de Monta, local onde aconteciam o abate e a reprodução dos animais de Caruaru, além das Exposições de Animais do Agreste. Esse prédio ainda se encontra bem conservado, com as características originais de construção da época, e serve atualmente como sede da Administração do Departamento de Feiras e Mercados de Caruaru. Atualmente, tem caráter institucional e apenas de referência para o espaço da Feira, pela população.

Administração da Feira da Sulanca (Prédio Rosa): Esse prédio serviu muito tempo como Matadouro Municipal até ser cedido para a Prefeitura, por ocasião do projeto de transferência da Feira, em 1988. Foi preservado e hoje funciona como sede da Administração da Feira da Sulanca. Tem função apenas institucional, no sentido de referência para o espaço da Feira pela população.



Mercado de Farinha: Prédio construído em 1992, para ser instalado o novo Mercado de Farinha, que seria transferido do centro da cidade. Abriga vários boxes e é referência de edificação comercial para a cidade.

Mercado de Carne: Igualmente construído em 1992, para ser o novo Mercado de Carne, transferido do centro da cidade.

Igreja da Conceição: já foram descritos, acima, seu estilo e sua importância cultural para a cidade e o perímetro urbano.



Museu da Feira: Construído no meio da década de 20, era o antigo Mercado de Farinha e funcionou, até 2000, como Museu da Feira de Caruaru Celso Galvão, (hoje fechado). É referência de um dos poucos edifícios mantidos como original, e referência de local que abriga acervo da Feira de Caruaru.

Feira do Gado: Localiza-se no Bairro do Cajá, próximo ao aeroporto, e conta com um



Matadouro Municipal e espaço para exposição dos animais a serem vendidos. Lá, são negociados caprinos, ovinos, bovinos e suínos, que são trazidos de toda a região e estados vizinhos, possuindo uma arrecadação semanal de mais de um milhão de reais. Desse Matadouro, grande parte da carne é trazida para ser vendida no Mercado de Carne. Esse espaço é marcante, principalmente porque foi dele que se iniciou o comércio da Feira de Caruaru, ainda no centro da cidade.

Parque 18 de Maio: A importância deste espaço, contando com mais de 150ha, é a de ter sido o local escolhido para abrigar a Feira de Caruaru, na última década do século XX, como se verá adiante.

2.5. Localidade: Alto do Moura

O Alto do Moura está situado a aproximadamente 7km do centro de Caruaru e é considerado o Maior Centro de Artes Figurativas da América Latina, segundo a UNESCO. Constitui-se em um bairro de Caruaru e é cortado pelo Rio Ipojuca e pela BR 232, ao sul.

As atividades lá realizadas geram inúmeros empregos, transformando-se em uma base para



o comércio da Feira de Artesanato, localizada na outra localidade estudada, a do Perímetro Urbano de Caruaru, e para onde a maioria dos produtos feitos daqui são levados e vendidos. A beleza desses produtos é tão grande, que atrai inúmeros visitantes, entre brasileiros e estrangeiros.

Há apenas uma escola municipal de 1º e 2º graus e um posto de saúde para 6.167 habitantes, segundo o censo de 2000/IBGE. O principal recurso hídrico do Alto do Moura é

o Açude da Taquara, que serve como reservatório para abastecimento de grande parte dessa localidade. O ecossistema principal é o característico da região Agreste de

Pernambuco, que é a faixa inicial da caatinga, vegetação característica do Sertão. Dentre os principais marcos edificadas na localidade, destacamos:



Museu Mestre Vitalino: Casa situada na rua principal do bairro, local onde viveu por décadas o precursor das artes figurativas de Caruaru, Vitalino Pereira, ou simplesmente Mestre Vitalino. Nessa residência, ele produzia suas peças e as levava para a Feira de Caruaru, nas décadas de 40/50, para vendê-las, tornando-se conhecido nacional e internacionalmente. Até hoje, essa edificação é utilizada por seu filho, Severino Vitalino, para a produção de peças de barro, que são vendidas para pessoas da cidade e turistas. Por tudo isso, esse museu, instituído por decreto municipal em 1971, adquiriu um sentido de forte preservação da cultura.



Museu Mestre Galdino: Nesse local, encontra-se a produção mais conhecida de outro grande ceramista caruaruense, Mestre Galdino, que trabalhava o barro com formas diferentes, moldava-o e dava formas de seres imaginários e reais, misturando cenas cotidianas com as de um mundo fictício. Esse

museu é mantido pela Prefeitura de Caruaru, visto que expressa um forte sentido de preservação da cultura da cidade.

Rua principal do bairro: Nessa via, podem ser encontrados diversos ateliês dos muitos ceramistas locais, além dos inúmeros bares, que ficam lotados, principalmente no mês de junho, quando turistas “invadem” Caruaru para o São João, a fim de se divertirem e conhecerem a cultura local.

O nome *Alto do Moura* se deve, segundo moradores, à presença de um português chamado Moura, dono das terras circundantes, que mostram algumas elevações geográficas. Assim, as pessoas se referiam ao lugar como o Alto do Moura, que começou como uma pequena vila e, com o passar dos anos, transformou-se num celeiro de grandes artesãos, como Mestre Vitalino e outros, já citados e ainda por citar.

Atualmente, há muitos artesãos que se destacam por seus produtos de barro, como Severino Vitalino, Manuel Eudócio, Elias Santos, Luís Antônio, Marliete Rodrigues e outros, que estão reunidos em uma Associação de Artesãos do Alto do Moura, fundada em 1981.

Cinquenta anos depois da “descoberta” de Vitalino por Abelardo Rodrigues, colecionador pernambucano dono de uma escolinha de arte no Rio, onde se radicou e desenvolveu uma coleção de peças de artesanato das maiores do país, a Feira deixou de atrair os artesãos do Alto do Moura, como revela a artesã Marliete, em entrevista dada a Eduardo Ferreira (2006). O fácil acesso àquele bairro, diz ela, permite ao artesão receber os turistas e compradores em seu próprio ateliê. Hoje, é a Feira de Artesanato que funciona como convite para visitar o Alto do Moura: houve, portanto, a reversão da situação antiga, quando Vitalino, a mãe de Marliete e outros criadores percorriam os 7km entre o Alto e a Feira, a pé, para vender lá suas peças. Hoje, Marliete tem carro na garagem e vende suas peças para todo o Brasil e até para o exterior, sem sair do seu ateliê.



A situação acima descrita dá lugar a diversas análises:

Em primeiro lugar, demonstra a força da fidelidade à tradição familiar, a reprodução da atividade artística passando de pais para filhos, e até para os netos. As condições difíceis, a miséria que rondava a existência dos artesãos e suas famílias não desestimulou a continuação da atividade por parte das novas gerações.

Em segundo lugar, está clara a relação entre a Feira e a produção artesanal. Antes, o percurso era do Alto do Moura para a Feira: os artesãos reconheciam nela o *lócus*, o **lugar** para a comercialização dos produtos artísticos. Vitalino chegava, ele e os filhos carregando em tabuleiros, sobre a cabeça, os bonecos de barro; espalhava sua produção da semana numa calçada, sobre uma toalha, na Rua Sete de Setembro, uma das ruas da

Feira nos anos quarenta e cinqüenta. Nesta última década, aconteceu o inesperado: Abelardo Rodrigues, em suas vindas a Pernambuco em busca de novos talentos e peças para sua fabulosa coleção, costumava passear pela Feira de Caruaru. Passo a palavra aqui para Antônio Miranda, citado por Eduardo Ferreira:

“Abelardo, ao avistar os bonecos, aproximou-se e perguntou a Vitalino de quem era. ‘São meus’, foi a resposta. Abelardo ajoelhou-se e escolheu os que mais lhe interessavam. Levou tudo para expor em sua Escolinha de Arte, no Rio de Janeiro. Depois disso, Vitalino, os integrantes da banda de pífanos de Vicente Teotônio, o Padre Zacarias Tavares, dois violeiros, o prefeito (...) foram para o Rio, a fim de que os cariocas conhecessem a obra do mestre caruaruense. Podemos dizer, agora, que, do barro, fez-se Vitalino, ao se tornar um artesão conhecido não só no Brasil, como no mundo.” (FERREIRA, 2006, p. 41)

Uma terceira reflexão surge a partir do fenômeno atual da globalização e da “mundialização”, processos que afetam igualmente a confecção dos bens culturais. Quando o artesão Luiz Antônio nos contou, em sua entrevista, de sua viagem ao Japão, onde ficou cerca de quatro meses, a convite de turistas e comerciantes, a vender, a produzir e a ensinar a fazer - sem muito sucesso, afirmava ele, entre risos - bonecos de barro no seu estilo bem pessoal, estava assinalando exatamente esta realidade: a “planetarização” das diferentes culturas e civilizações do Mundo.

Fatos como este deixam muitos intelectuais preocupados: será que os artesãos vão se render às facilidades da produção em série? Será que vão se manter fiéis à tradição recebida? Não é o momento de discutirmos estas questões agora, mas posso adiantar, por este exemplo e de outros, que os artesãos normalmente sabem, intuem que suas peças despertam interesse nacional e internacional *porque elas são feitas do jeito que são, porque mantêm uma identidade própria e são fruto de um saber específico na arte do fazer.*

Assim, quando os artesão do Alto do Moura - conforme vários depoimentos que tomamos - recebem encomendas repentinas de viajantes nacionais e estrangeiros, recorrem a parentes e amigos para dar conta da quantidade solicitada. Mas eles vão fazer a mesma coisa, trabalhar da mesma maneira, tudo sob a orientação do mestre, que sempre dispõe de aprendizes para estas ocasiões.

Não é raro encontrar um ou outro artesão se divertindo à larga, ensinando turistas europeus a amassar o barro e tentando esculpir as belezas em miniatura, que reproduzem o universo imaginário do segmento social ao qual eles pertencem. Mas é claro que existe um perigo nestas incursões desses artesãos, simples e ingênuos como são, no sentido de serem burlados seus direitos de autoria, de comercialização, etc.: o de se tornarem vítimas inocentes de patenteamento de sua produção no Exterior, o que está a exigir medidas rápidas no campo das salvaguardas e dos direitos autorais, por parte do IPHAN e do Ministério Público.

De modo que a comunidade de artistas artesãos, pintores e fabricantes de artesanato utilitário, que lá residem e trabalham, aceitam encomendas hoje quase sem intermediários, como pudemos constatar, e vendem a turistas e viajantes, tanto no varejo

como em grosso, para a Itália, Alemanha, Japão... Esta comunidade de artistas do barro, das telas e das artes, que utilizam recursos vegetais em sua maioria e originários da região, constituem um Bem Associado à Feira.

O Alto do Moura dispõe de acesso através do núcleo urbano, bem como pela BR 232. Além da Casa-Museu do Mestre Vitalino e da Casa-Museu do Mestre Galdino, destacam-se os ateliês e residências dos artesãos, cujos nomes e quantidade se encontram registrados nas fichas de Contato; os objetos de arte que criam, nas fichas de Formas de Expressão; os modos de amassar o barro, cozinhar no forno, moldar, etc., nas fichas de Saberes e Modos de Fazer. As “lojas” de vendas dos produtos de cada um deles são, muitas vezes, a própria sala de visitas da residência. Além disso, encontram-se diversos bares e restaurantes com pratos regionais e outros³. Seis peças dos Mestres Vitalino e Galdino, além de artesãos vivos, como Manuel Eudócio e Luís Antônio, encontram-se expostas em Museus de Arte Popular e/ou Artesanato na Europa.

O Alto do Moura, pela estreita relação de reciprocidade com a Feira de Artesanato, foi inserido como uma localidade do INRC da Feira de Caruaru. Porém, diante da riqueza cultural narrada acima, sugerimos aqui, que seja posteriormente realizado o Inventário (INRC) do Alto do Moura para Registro como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro.

³ Nestes parágrafos referentes à Feira atual e ao Alto do Moura, tomei dados da publicação da Prefeitura de Caruaru: *Plano Diretor: Perfil de Caruaru*, edição de 2002 (mimeo), gentilmente cedida, entre outras, pelo Diretor de Documentação e Patrimônio Cultural da Fundação de Cultura de Caruaru Sr. Walmiré Porto Dimerón, ao qual agradecemos. A relação das “feiras”, no entanto, foi atualizada quanto aos nomes populares que o povo dá e quanto ao número, a partir da pesquisa de campo e de dados do próprio Walmiré.

III. INFORMAÇÕES HISTÓRICAS E BIBLIOGRÁFICAS⁴

3.1. As Origens

Para se entender um pouco o que são as feiras livres, buscou-se a definição encontrada no Estudo da Fundação Ford (2004), onde se lê o seguinte:

“Um dos métodos mais óbvios, porém talvez menos entendidos, de aumentar a integração social em espaços públicos e encorajar o crescimento de mobilidade [é a feira]. Cada vez mais, líderes comunitários e governo vêem as feiras públicas como local dos maiores problemas da cidade: a necessidade de trazer pessoas de grupos diferentes; a necessidade de tornar os espaços públicos convidativos e seguros, de revigorar a vizinhança e suportar a pequena escala de atividades econômicas, de prover produtos frescos e de alta qualidade para os moradores da cidade, e de proteger o espaço aberto e preservar a agricultura das cidades vizinhas”.

Além disso,

“Feiras públicas são localizadas e/ou criadas em espaço público dentro da comunidade. Esse é um aspecto visível das feiras - a criação de um local convidativo, seguro, e ativo, que atrai todo tipo de pessoas. (...) Como um lugar efetivo onde as pessoas se misturam, feiras públicas se tornam o coração e a alma da comunidade, ou seja, um local onde as pessoas interagem facilmente e onde inúmeras atividades da comunidade acontecem”.

Do mesmo modo,

“As feiras são uma ‘propriedade local’, já que o comércio é independente e operado por seus donos, e não comércios que são dominados por franquias quase que ‘onipresentes’. Isso ajuda a explicar o ‘sabor’ local das feiras públicas e a exclusividade da experiência em comprar-se nelas”.

Dewar e Watson (1990) mostram que, embora muitas feiras livres sejam inicialmente espontâneas pela oportunidade econômica por parte dos comerciantes, o sucesso, a longo prazo, dependerá em parte da ingenuidade da intervenção nos estágios de desenho e da implementação, o que ocorreria no início da Feira de Caruaru, pois a localização e o modo de começar foram, de certa forma, ingênuos e espontâneos.

Assinalo aqui um fato por demais conhecido: existem inúmeros relatos sobre a evolução de cidades que tiveram seus inícios marcados pela atividade mercantil e pela presença de uma feira, por estarem em rotas de comércio ou em situações geográficas benéficas.

Pode-se lembrar que as primeiras feiras do Brasil Colônia, no século XVIII, desenvolveram-se da mesma forma que tantas outras na Europa. Elas localizavam-se em grandes pátios em frente a um marco nessas localidades, como uma igreja ou um largo, e rodeadas por inúmeras casas comerciais, sendo vendidos os produtos da região, como cita e exemplifica Sampaio apud Reis Filho (1968), em relato sobre a história da fundação de

⁴ Como já foi assinalado, as informações constantes neste item se devem, em primeiro lugar, à pesquisa documental e bibliográfica realizada por Janine Primo e Gustavo Miranda, além de livros e artigos solicitados e enviados para a 5ª SR do IPHAN por autores pernambucanos, cujos nomes serão conhecidos através de suas citações, que figurarão ao longo do texto. Quero ressaltar aqui a prestimosidade com que as Sras. Mabel Baptista e Graça Villas, encarregadas então do Núcleo do Patrimônio Imaterial da 5ª SR, empenharam-se em conseguir as colaborações externas acima nomeadas, enriquecendo, em muito, este Dossiê.

Salvador, no qual é destacado o forte papel da feira livre na determinação do comércio e na vida dos habitantes da cidade:

“Era nas feiras que se realizava o comércio regular de produtos agrícolas, mas sobretudo de pescado. Às feiras afluíam os vários produtos da terra e os de maior procura. A farinha de mandioca pelas várias maneiras como os índios a fabricavam, a tapioca; as raízes comestíveis, aipins e batatas; o milho e o feijão; o mel da terra; as frutas indígenas em que sobressaíam as bananas, os ananazes (sic), cajus e maracujás; a caça grossa e miúda; os animais vivos trazidos à feira, pela estima que lhes davam os europeus, como os bugios e sagüis, papagaios e tuins; bom e variado como o número de aves canoras; o peixe e os mariscos abundantes, oferecidos por baixo preço tudo aí se encontrava. Situavam-se as antigas feiras de Salvador na cidade baixa, junto à praia e na cidade alta, na praça principal. ‘Por facilitar o mercado, consentia-se que a feira realizasse à beira-mar, na Praia dos Pescadores, vizinha da ermida da Conceição (...)’.”

Diferentemente do exemplo anterior, a Feira de Caruaru⁵ “nasceu e se criou”, como dizem os caruaruenses, conjunta à cidade. Segundo Kleber Fernando Rodrigues (1995), nos princípios da colonização a localidade onde hoje é formada Caruaru era ocupada pela Sesmaria Ararobá. Muito tempo antes, habitavam-na os índios Cariri, que denominavam a região de “Caruru” ou “Caruaru” (caru: principal; aru: campo ou sítio).

Josué Euzébio Ferreira alega que a história de Caruaru teve início com a chegada dos familiares do Cônego Simão Rodrigues de Sá, nos fins do séc. XVII, tomando posse de terras no Vale Médio do Rio Ipojuca, que foram empregadas, sobretudo, para fazendas de gado; além disso, desenvolveram nelas culturas de subsistência. A família Rodrigues, ao vir de Portugal em meados do séc. XVII, residiu primeiro no Recife, onde comerciava gado. Os Rodrigues de Sá mudaram-se para a região do Rio Ipojuca, que banha Caruaru, incentivados por informações de viajantes que percorreram o vale médio daquele rio, e comunicaram no Recife as possibilidades de exploração econômica das localidades visitadas. Encaminharam petição às autoridades, solicitando o direito de trabalhar aquelas terras.

O pedido foi atendido: “*em 02 de junho de 1681, foram doadas terras à família Rodrigues de Sá, situadas entre as Missões de Limoeiro, no Capibaribe, e o vale Médio do Ipojuca*” (FERREIRA, 2001). Fundaram vários sítios de criação de gado e de agricultura de subsistência. São eles: Sítio da Posse, Juriti e a Fazenda Caruru, fundada no início do séc. XVIII.

De acordo com Josué Euzébio Ferreira, Caruaru era, na época, uma fazenda de gado localizada às margens do Rio Ipojuca. O vale deste rio era utilizado como caminho para transportar o gado desembarcado para o Sertão, bem como o que vinha do Sertão com destino ao Litoral, para consumo e tração animal nos engenhos. A fazenda tornava-se um ponto de apoio; começaram a pernoitar na fazenda, fazer comida, etc. Com o tempo, viajantes (tangerinos, tropeiros, mascates, etc.) passaram a pedir refeições aos moradores da fazenda, como também dormitórios. Assim se iniciava o comércio na Fazenda Caruru, e o desenvolvimento da futura Feira de Caruaru.

⁵ De acordo com Austregésilo (2006), “*é impossível escrever Feira de Caruaru sem as maiúsculas.*”

José Rodrigues de Jesus inicia a construção de uma capela em homenagem à sua irmã caçula, Maria da Conceição Rodrigues de Jesus, em 1781, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. A seguir, solicita autorização ao Bispo de Olinda para a construção da capela. Esta é inaugurada em 05 de outubro de 1782, com o título de Capela Nossa Senhora da Conceição da Fazenda Caruru. Escreve Josué Euzébio Ferreira:

“Podemos supor que a Fazenda Caruru, a partir da inauguração da Capela em 1782, passou a ser o único lugar no vale médio do Ipojuca, além de São José dos Bezerros, onde os moradores de toda a redondeza teriam a oportunidade de acompanhar um ato religioso, celebrado por uma autoridade oficial da Igreja Católica” (FERREIRA, 2001).

A fazenda tornava-se um ponto de convergência. Ferreira relata alguns costumes dos frequentadores da Fazenda: “... *assistir missa, batizados, casamentos, receber a benção do padre, encontrar conhecidos, parentes e compadres*”. Os domingos eram os dias de maior movimento na capela. Aproveitando a presença do padre, muitos se deslocavam para a fazenda a fim de assistir e realizar celebrações, levando seus artigos para vender, comprar ou trocar com os demais comerciantes.

“Poderia aproveitar também a presença de um mascate que era habitual por aqueles caminhos; esses encontros eram oportunos para apresentar as novidades do momento: tecidos, linha, dedal, chapéus, apetrechos de uso feminino, etc.” (FERREIRA, 2001).

Pedro Marins afirma, numa entrevista em 1997 (JORNAL DO COMMERIO, 18/05/1997), que José Rodrigues de Jesus fazia um pequeno investimento, dando um impulso econômico à região, da seguinte maneira: “*Para assegurar o fortalecimento da feira e por consequência das suas propriedades, ele comprava os produtos que sobravam e os distribuía com seus escravos*”.

Com o passar do tempo, a Feira foi aumentando, se fortificando. Os encontros tornaram-se semanais, os mascates, aos poucos foram sendo substituídos por casas comerciais no próprio local. As relações sociais se constituíram nas “... possibilidades de mudanças nas relações pessoais e de negócios, caracterizadas pela confiança mútua, pelos prazos na entrega dos produtos e nos pagamentos etc.” (FERREIRA, 2001).

Kleber Fernando Rodrigues ainda comenta:

“Tamanho era esse fluxo populacional ao lugar com vistas ao crescimento da Feira, objetivando comprar, trocar, vender produtos dos mais distantes e diversos rincões do Agreste pernambucano, que em torno da Capelinha de Nossa Senhora da Conceição desenvolvia-se o processo de urbanização, com a construção de Casas, formando as primeiras ruas” (RODRIGUES, 1995).

Em frente à capela, desenvolveu-se pouco a pouco a feira livre da fazenda, e por isso passou, aquele local, a se chamar Rua do Comércio, mais tarde recebendo o nome de Praça João Guilherme de Azevedo. A comercialização de frutas, cereais, gado bovino, artesanato e utensílios, produzidos manualmente, atraía cada vez mais vendedores e compradores. Com o desenvolvimento da Feira, fora-se formando em torno da capela o início da cidade, as primeiras casas e ruas, mais tarde tornando-se um vilarejo.

Essa ocupação da frente da capela por um comércio se deveu, principalmente, à não-existência de um núcleo urbano no Brasil colônia sem uma praça ou largo e:

“elas existirão onde houver, inicialmente, uma capela ou igreja (ROBA e MACEDO, 2002, p. 15-22) e, mais tarde, casas de câmara e cadeia, feiras. Será sempre um espaço aberto onde, num primeiro momento do surgimento dos núcleos urbanos, as atividades sociais, comerciais, religiosas e militares acontecem (...), num amálgama de funções e que, mais tarde, vão sendo apropriados por novos espaços, especializando-os, mas quase nunca sem a presença do templo.” (NEVES, 2003).

De acordo com Kleber F. Rodrigues, Caruaru “... já no final do séc. XVIII comportava trezentas casas residenciais, entre estas se encontravam também domicílios comerciais”.

“A população do Caruru, na ribeira do médio Ipojuca, beneficiada com a construção da ‘estrada real’ do Recife a Cabrobó, visto a mesma passar por dentro de sua rua principal - a da Frente ou do Comércio - vinha atravessando, paradoxalmente, situação bastante irregular e servindo de palco a toda sorte de alteração da ordem pública, como se fosse um autêntico lugar sem chefe e sem lei.” (BARBALHO, 1983).

Em 1811, o povoado de Caruaru torna-se distrito de Santo Antão, antigo nome da atual cidade da Vitória de Santo Antão.

Josué Euzébio Ferreira aponta três fatores fundamentais para o processo de urbanização de Caruaru: a localização geográfica da fazenda, com seus currais próximos à ribeira do Ipojuca; o caminho das boiadas e a fazenda como posto de apoio e pernoite; e, como elemento mais forte, a construção de uma capela.

Segundo Daisy Costa Lima (nossos pesquisadores não encontraram referências desta autora), a capela fora utilizada pelos moradores da vila, até 1846, como único templo católico, pois foi neste ano construída a Igreja Matriz - a qual, no século XX, com a criação da Diocese católica de Caruaru, receberia o título de primeira Catedral - dedicada a Nossa Senhora das Dores, pelo missionário Frei Euzébio de Sales, capuchinho do convento da Penha, do Recife.

O vereador e padre Antônio Jorge Guerra, visando seus interesses políticos, solicitou a mudança do local da Feira do sábado, fixando-a “*do nascente da casa do tenente João Correia, em linha reta, à casa do alferes José Francisco da Silva Macambira, e, para o poente, até onde couber*” (BARBALHO, 1980b). Ainda segundo Nelson Barbalho, em 1853, vários moradores do Caruru, através de abaixo-assinado, encaminharam à Câmara Municipal de Caruaru pedido de transferência definitiva da feira semanal da vila para um local fora da Rua da Frente, mas os vereadores de imediato lhes negaram a pretensão, argumentando que “*não tem lugar o que requerem, visto achar-se a feira no lugar do costume e reclamado pela maioria do povo*”.

Em 26 de abril de 1854, o presidente da Província de Pernambuco determina a construção da estrada que ligaria a zona da Mata ao Sertão, através da Lei Provincial de nº. 334. Essa estrada percorria Gravatá, São José dos Bezerras, Caruru, São Caetano da Raposa e Pesqueira. Contribuía, assim, para o alargamento das transações comerciais em todo Pernambuco e, conseqüentemente, para o progresso da Feira.

A Feira caracterizava-se, do seu surgimento até o início do século XX, pelo intenso movimento. Condé (1960) relata em seu livro:

“Vai de um extremo a outro da Rua do Comércio - mais de um quilômetro ocupado pelos toldos coloridos, montes de frutas e legumes, barracas que servem de restaurantes populares (onde se come sarapatel, carne de sol, buxada, miúdos fritos), barracas que vendem celas, alforjes, redes, ervas medicinais e afrodisíacas, chapéus de couro, cestos, passarinhos, cavalos, peles de sucuri. Envoltas em xales vistosos, o cachimbo de barro cozido pendente do lábio, mulheres caboclas, negras e sararás fazem barganha com a freguesia. Ruídos e vozes partem de todos os cantos: dos becos que desembocam na rua, onde pedintes aleijados e cegos entoam cantigas improvisadas, de uma tristeza ancestral; dos propagandistas das lojas de cintas, dos pregoeiros, das sanfonas, violas e pandeiros. Na calçada da Igreja da Conceição, o trovador popular recita para os matutos histórias sertanejas que vêm narradas nos folhetos de capas berrantes e versos primitivos.” (CONDÉ, 1960, p. 51).

Em outro trecho ele afirma:

“Mal se pode andar nesta rua atravancada de gente, cavalos, balaio, toldos, barracas, monte de mercadorias. Das portas das lojas as peças de chita de todas as cores são bandeiras em dias de festa. (...) A feira dos cavalos e dos passarinhos é mais adiante, no fim da Rua do Comércio, quase no começo da Baixinha do Capitão loiô; o Mercado de Farinha, no outro extremo, subindo-se o beco que vai dar na Rua Duque.” (CONDÉ, 1960, pp. 52-3).

Em determinada passagem, ele aborda até como os matutos atuam nessa Feira:

“O sol começa a esfriar e o movimento na feira já não é o mesmo de pela manhã. Agora é hora de fazerem compras os pobres da Lagoa da Porta, do pé do monte, daqueles que moram em casebres além da ponte, à beira do rio; também hora em que as bodegas estão cheias de matutos - muitos já embriagados bebendo aguardente (...). Os bêbados de fim-de-feira.” (CONDÉ, 1960, p. 50).

Em 1855, a peste de cólera-morbo chega a Caruaru. O vereador José Maria Brayner exigia limpeza de esgoto, varredura de ruas e becos, queima de lixo, prisão de porcos à solta pela sede da vila. Neste ano, não se realizaram as festas natalinas em frente à Capela de Nossa Senhora da Conceição, na Rua da Frente, o que enfraqueceu demasiadamente o comércio, principalmente o chamado “livre”. A Feira, como parte de um todo social, é atingida pela peste. Além da peste, a subida do custo de vida nos anos 50 se abateu também sobre a Feira, causando diminuição do consumo.

Kleber F. Rodrigues afirma que as feiras criadas no Brasil entre os séculos XVII e XVIII foram baseadas na agromanufatura açucareira, no latifúndio, no escravismo, numa economia voltada para o consumo externo.

“A Feira de Caruaru, nasce e cresce dentro da realidade histórica da Fazenda Caruru em que, ao construir a Casa Grande, a Senzala e a Capela e, principalmente, ao estabelecer-se nestas paragens agrestinas uma fazenda objetivando a criação de gado vacum, além de desenvolver nas cercanias da Fazenda e mesmo em áreas mais distantes a produção de uma agricultura de subsistência, estabeleceu-se concretamente a necessidade de manipulação desta produção ou por necessidade econômica ou ainda por necessidade de sobrevivência, pois à distância da capital, do porto e dos produtos de além-mar, tornava-se necessário o intercâmbio da produção seja de qual tipo fosse entre os mercadores do lugar.” (RODRIGUES, 1995).

Rodrigues traça, assim, um dos primeiros diferenciais entre a Feira de Caruaru e a grande maioria das feiras nascidas na Colônia naqueles séculos por ele enumerados. Temos, neste caso, a primeira feira nascida em área econômica pertencente ao ciclo do gado, no Pernambuco Colonial, com as características por ele apontadas: diretamente vinculada às necessidades do consumo interno; produção altamente diversificada, por conta da distância entre o Litoral, o porto e as grandes cidades e vilas da área açucareira; outra característica é a de que este comércio, nascido de um pouso para o gado e para os viajantes (tangerinos, boiadeiros, tropeiros, mascates, etc.), se baseava principalmente no trabalho livre e numa economia não direcionada, como era a do Litoral, cujo comércio predominante: o do açúcar, fruto da monocultura e produzido em grande parte para a exportação, impedia o plantio e conseqüente oferta de outros produtos alimentícios próprios para o consumo. Estes tinham de ser importados de outras regiões da então Província, ou de outras unidades da colônia ou da metrópole.

É importante frisar que as feiras livres das cidades da Zona da Mata Sul e Norte de Pernambuco, onde predominou e predomina a agroindústria açucareira, eram muito pobres em termos de oferta de produtos - algumas são até hoje! - inclusive de gêneros de primeira necessidade - um dos lados perversos da monocultura canavieira, no Nordeste.

Ora, Caruaru foi a primeira feira livre verdadeiramente *livre* na Província-depois-Estado, porque nasceu e se constituiu fora do sistema de produção baseada no escravismo e na monocultura canavieira. A própria necessidade de atender a uma população que chegava e se fixava fora das rotas do comércio internacional, bem como à população flutuante, que chegava, pousava e continuava viagem rumo ao Sertão, impulsionou atividades econômicas para diversificar o cultivo de produção agrícola de alimentos e de criatório para o consumo imediato. Deste modo, fora do âmbito das pastagens e dos caminhos do gado bovino, foram se desenvolvendo áreas agricultáveis e de criatório de animais menores, de dois e quatro pés.

O historiador faz ainda um paralelo entre as feiras da baixa Idade Média e a Feira de Caruaru, relatando semelhanças e levantando hipóteses de que o “modo de fazer feira” na Europa foi transportado para o Brasil, mas que aqui ocorreram transformações que formam a *identidade* da feira brasileira, especificamente as do Nordeste: “... as particularidades econômicas, políticas, vivenciadas pelos mercadores, feirantes da Idade Média, e Moderna se afastam de singularidade e das peculiaridades da economia brasileira dos séculos XVII, XVIII e XIX.” (RODRIGUES, 1995).

Rodrigues explica que o grande fluxo econômico da Feira de Caruaru ocorre a partir de 1863, quando o governo inglês, durante a Guerra Civil Norte-Americana (Guerra de Secessão), impedido de adquirir o algodão norte-americano, em decorrência da guerra, passa a investir economicamente nesta região, criando linha de crédito para a produção e exportação do algodão produzido na região do Agreste e especificamente em Caruaru, além da construção da Boxwell, Usina de Beneficiamento do Algodão, e a ferrovia Great Western para o escoamento. Ferreira acrescenta que aquela indústria dispunha de uma

rede enorme de compradores diretos dos produtores; assim, através de intermediários, os negócios com o algodão ultrapassavam as fronteiras do Agreste de Pernambuco.

Lembra ainda aquele autor, que na cidade já existia uma unidade da Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro, a SANBRA, que tinha como atividade principal a extração do óleo do caroço de algodão (FERREIRA, 2002). A atuação da indústria e a extensão da linha de trens contribuíram para o alargamento econômico de Caruaru e das demais regiões circundantes.

Com o grande crescimento espontâneo, e, por isso, da extrema desordem que sofre a Feira na primeira metade do século XIX, a Câmara Municipal passou a intervir na organização e funcionamento desta. Em 1854, a Feira distava trinta e cinco braças da Capela de N. S. da Conceição.

“A Fazenda Caruru, no princípio do século XIX, já era um povoado próspero com uns mil habitantes, possuindo, desde 1795, sua Feira de Gado e produtos da roça, origens da grande Feira de Caruaru.” (DIAS, 1971).

Kleber F. Rodrigues defende que a imensa Feira que temos hoje em Caruaru é fruto da fusão das Feiras de Artesanato e de Verduras, Feira da Sulanca, Feira do Gado, Feira dos Bolos e da Feira do Troca-Troca. A Feira do Gado Vacum foi uma das primeiras a se desenvolver, pois, desde seus princípios, a região utilizava o couro, força motriz na realização dos trabalhos e para a construção de artigos de uso diário (sendo que desde o séc. XVIII, a região do Rio Grande do Sul fazia concorrência comercial de carne bovina com Caruaru). A Feira da Sulanca foi iniciada em 1984.

A Feira de Caruaru tem como características principais e históricas o fato de ser estabelecida pelos “burgueses brasileiros”, a nova classe de comerciantes proprietários, oligárquicos, mas também pelos vendedores e artesãos livres e uns poucos escravos. Sendo assim, “muitos comerciantes atuais, empresários caruaruenses, são descendentes de antigos feirantes e proprietários rurais, embora haja na atualidade certa discriminação por



parte do empresariado comercial em relação ao feirante, pois muitos afirmam que enquanto na Feira não se pagam impostos, há possibilidade econômica de que o feirante concorra economicamente em melhor situação de vantagem em relação ao comerciante estabelecido”. (Ora, as pesquisas de campo demonstraram que os feirantes pagam impostos sim, embora em quantia menor).

Caruaru viveu uma expansão demográfica significativa no desenvolvimento da economia local, ancorada na Feira, em todos os seus setores. Expõe a situação de decadência do latifúndio e da aristocracia coronelista em função do desenvolvimento microeconômico dos artigos que compõe a Feira. Segundo

Kleber F. Rodrigues (1995), “(...) os mercados persas e turcos não causam inveja aos caruaruenses, quando se trata de diversificação, criatividade, efervescência cultural”.

Tem a Feira o papel fundamental e preponderante de manter as tradições e a continuação da produção artesanal, já que esta recebe poucos auxílios governamentais oficiais. É o que nos afirma Rodrigues (1995):

“A Feira de Caruaru é uma das representações do passado e do presente desta comunidade; é história viva desta região, é o referencial da continuidade da história deste povo do Agreste pernambucano e nordestino”.

Em 1857, a Vila de Caruaru contava com uma população de 29.080 pessoas, sendo 26.833 livres e 2.247 escravos, fato que levava o jornalista Pedro Trancoso a polemizar a situação de “ainda vila?” Em 18 de maio de 1857, é sancionada a elevação da vila de Caruaru à categoria de cidade pela lei provincial de nº. 416. Este ato administrativo unifica a palavra: *Caruaru*, que ainda era falada dos dois modos: *Caruru* e *Caruaru*. À criação do distrito de Caruaru refere-se à lei municipal de nº. 3, de 2 de dezembro de 1892.

Segundo Tadeu Rocha, citado por Nelson Barbalho:

“Um marco importante na evolução econômica e social de Caruaru foi a chegada das pontas dos trilhos da ‘Estrada de Ferro Central de Pernambuco’. Em dezembro de 1895, o ‘trem de ferro’ subiu a Serra das Ruças (sic) vencendo túneis e viadutos, passou por Gravatá e Bezerros, apitou orgulhoso no km. 139 e resfolegou na estação de Caruaru. A multidão de agresteiros que foram recebê-lo confiava no progresso que o trem haveria de levar à sua cidade, com o crescimento do comércio, o aparecimento das indústrias, o aumento da população e a intensificação da vida social, cultural e religiosa. Eram os começos do novo posto que a cidade iria logo ocupar, no interior do Estado: o de metrópole regional da parte central-sul da Borborema.” (BARBALHO, 1980a).

Em 1895, as tradicionais famílias do Recife subiam a Serra das Russas pelos trilhos da Estrada de Ferro Central de Pernambuco, para saborear pamonhas e carne de sol, ao som das primeiras bandas de música caruaruenses.

3.2. A Feira no Século XX

Vimos que a Feira de Caruaru não deixou de crescer desde 1819. O século XX inicia-se com a Feira ocupando a chamada Rua do Comércio, tendo a igreja de Nossa Senhora da Conceição - construção que substituiu a antiga capela da fazenda - ao fundo. Na época com pouco mais de vinte e cinco mil habitantes, a cidade ainda conservava os mesmos hábitos e costumes do tempo de Vila. Segundo Mário Sette (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 05/06/1984), em suas visitas a Caruaru em 1915, 1925 e 1929, a cidade já apresentava grande progresso e lhe causava magnífica impressão.

Entre as décadas de 30 e 60, Caruaru é reconhecida como uma das maiores potências do Nordeste, com destaque para a indústria do couro. Suas produtoras eram a SANBRA, Caroá e o Curtume Souza Irmãos, sendo esta última considerada a mais forte da época. As mercadorias eram transportadas em lombos de animais por causa da ausência de automóveis na cidade.



Entre as décadas de 20 e 40 se deu o auge da venda de folheto de cordéis na Feira, tendo expressivo enfraquecimento entre 1940 e 1950, pelo alargamento do consumo de rádio e televisão. Nos cordéis, encontram-se poesia, divertimento e informação. Muitos informes sobre a cidade eram obtidos através destes livretos. A TV e o rádio tomariam esse espaço na sociedade. Mas os folhetins não perderam seu valor artístico e cultural.

O maior cordelista de Caruaru, segundo Aleixo Leite (importante continuador da produção dos folhetos), era Francisco Sales Areda, nascido em Campina Grande em 25 de outubro de 1916, mudando-se para Caruaru em 1950. Viveu exclusivamente da venda de seus cordéis, no período de 46 a 70.

Também são considerados grandes cordelistas de Caruaru: José Soares da Silva (Dila), Olegário Fernandes, Vicente Vitorino Cristóvão e Manuel Basílio de Lima. Olegário, também violeiro, começou a fazer seus cordéis em 1956. Gostava muito de criá-los tendo como base os noticiários jornalísticos.

O Museu do Cordel

Olegário Fernandes da Silva fundou o primeiro e único, até então, Museu do Cordel, em 2 de agosto de 1999, com acervo de duas mil e quinhentas peças e assessoria da Fundação



de Cultura de Caruaru. O cordelista sofreu um ataque cardíaco no próprio Museu, em 3 de abril de 2002, que o levou a falecer aos 70 anos. Na ocasião, Maria Bethânia, sua filha, afirmou que iria dar continuidade à grande realização de seu pai, “Tudo vai continuar do mesmo jeito” (JORNAL VANGUARDA, 18/05/2002). Hoje, Olegário Filho é o diretor do Museu. Ele deu uma entrevista filmada sobre seu pai, que está no dossiê deste Inventário.

As Boleiras

Nas décadas de 1940 / 50, ganharam bastante destaque as boleiras de Caruaru, expondo na Feira bolos de goma, de mandioca, de milho, broas, suspiros, “beiras-secas” ou “truitas”. Começavam a produção na quinta-feira para vendê-los no sábado. As mais famosas boleiras da época eram “Siá” Claudina, Maria de Artur Quintão, Maria Leandro, Ana Preta e dona Maria Mata Escura.

Pequeno Histórico da Canção que imortalizou a Feira

Em fins de 1955, no auditório da Rádio Difusora de Caruaru, Onildo Almeida leva para mostrar ao seu amigo e locutor da rádio, Rui Cabral, sua nova música “A Feira de Caruaru”, ainda incompleta. Assim que a escutou, Cabral colocou Onildo no ar e pediu para que cantasse. O amigo o fez. Com o improviso do sanfoneiro José Gomes, a música foi muito bem recebida pela população, que pediu para Onildo cantar mais duas vezes.

“Somente no início de 1956, Onildo Almeida concluiu sua pesquisa sobre artigos vendidos na Feira que terminassem com a letra ‘u’. A idéia era que cada verso rimasse com o nome Caruaru. Ele buscou 14 tipos diferentes de especiarias.”
(JORNAL VANGUARDA, 18/05/2002).

*A feira de Caruaru
Faz gosto a gente ver
De tudo que há no mundo
Nela tem prá vender
Na feira de Caruaru*

*Tem massa de mandioca
Batata assada, tem ovo cru
Banana, laranja e manga
Batata-doce, queijo e caju
Cenoura, jabuticaba, guiné,
Galinha, pato e peru
Tem bode, carneiro e porco
E se duvidar inté cururu*

*Tem cesto, balaio, corda
Tamanco, gréia, tem tatu
Tem fumo, tem tabaqueiro,
Tem peixeira e tem boi zebu
Caneco, alcoviteiro, peneira
Boa e mel de urucu
Tem calça de alvorada
Que é prá matuto não andá nu*

A feira de Caruaru...

*Tem rede, tem baleeira
Móde menino caçá lambu
Maxixe, cebola verde, tomate
Coentro, couve e chuchu
Almoço feito na corda
Pirão mexido que nem angu,
Tem fia de tamborete, que
Dá de tronco de mulungu*

*Tem louça, tem ferro velho,
Sorvete de raspa que faz jáú
Gelado caldo de cana,
Planta de palma e mandacaru
Boneco de Vitalino, que são
Conhecido inté no Sul
De tudo que há no mundo
Tem na feira de Caruaru*

A feira de Caruaru...

Onildo, então partiu para o Recife, em busca de Genival Macedo, que era da gravadora Copacabana. Pensavam em Jackson do Pandeiro, mas este já partira para o Rio de Janeiro. Onildo não queria gravar a música, considerava-se um cantor romântico, não de baião, mas terminou gravando sua música, vendendo onze mil cópias em Caruaru. Afirma o compositor que, num lado do disco, só havia a música, no outro, era um solo de cavaquinho.

Em 1956, Luiz Gonzaga chega a Caruaru para se apresentar na Rádio Difusora. Em sua discoteca, Luiz escuta “A Feira de Caruaru”. Com muito entusiasmo, pede a Onildo para gravá-la. O autor, com muita alegria, afirma que, em 1957, vendeu mais de cem mil cópias. A “Feira” cada vez se fortalecia, em todos os sentidos. As pessoas iam conferir na Feira os itens relacionados na música, e reclamavam a Onildo a ausência de alguns artigos. O próprio compôs “A feira de Caruaru 2”, gravada por Israel Filho, mas diz que a primeira música sempre será o hino da Feira de Caruaru e da própria cidade.

Hoje não se tem conta de quantos intérpretes cantam esta música: mais de trinta e quatro países a conhecem. Até no Japão a música faz sucesso. Onildo alega: “Uma vez a Orquestra Sinfônica de Berlim incluiu em seu repertório a peça interpretando ‘A Feira de Caruaru’”.

Em entrevista concedida a Gustavo Miranda para este Inventário e Dossiê⁶, dada no dia 11 de agosto de 2005, o compositor explica alguns dos itens listados por ele na música, como o “fósco sete lapadas”, as “meisinhas”, e a “carça de arvorada”. Seguem os trechos abaixo:

⁶ A fita original da entrevista concedida em 11/08/05 compõe o acervo do Inventário da Feira de Caruaru da 5ª SR do IPHAN.

Gustavo: “O senhor falou aí na música que o matuto não pode nem adoecer.

Porque quando ele adoecer ele vai se tratar na Feira. Lá é uma farmácia?”

Onildo: “Tem farmácia. As meisinhas, né? Na “Feira nº. 2” (sua segunda composição sobre a Feira de Caruaru, bem menos famosa que a primeira) eu falo das meisinhas, falo dos “fosco a sete lapadas”, já ouviu falar?”

Gustavo: “Não. Como é isso?”

Onildo: “Fósco a sete lapadas” é o fósforo fabricado artesanalmente em casa. Não sei se foi o matuto ou alguém que... o fósforo comum ele vem dentro da caixinha, né? O outro é um pedaço de madeira retalhado, feito em palito, mas sem despregar o palito da outra base. Você pega um quadrado assim, corta, corta em cruz, sobra um bocado de palito tudo agarrado no tronco embaixo, que ele pega na massa quente do fósforo que faz o atrito, bota ali e tira, quando ele tira ele enxuga, então fica aqueles 40 ou 50 palitos de fósforos. Você esfrega um no outro assim, que ele é agarrado só em massa, aí você puxa assim, pega no solado do sapato e acende o cigarro. Chama esses fósforos de “7 lapadas”, sabe por que? Porque nunca acende de primeira (risos). Ou na pedra, ou na parede ou no chão ou no sapato, tin... tin... até acender aí chama “7 lapada”. Interessante, né? Eu não vi mais esses fósforos, ainda vou atrás pra ver se consigo, se não conseguir eu vou fazer como era feito, pra ter como exposição, entendeu? Pra ter esse registro. Gustavo: “Fosco sete lapadas”. É bom saber até pra gente, quando for pesquisar na Feira, saber se existe. Porque ele seria característico também aqui da Feira, antigamente seria muito encontrado. E essa meixinha seria a farmácia de uso dos matutos?

Onildo: As pessoas antigas, se você falar isso elas vão dizer: “ ah, me lembro, fósforo sete lapadas”.

Gustavo: Então tem que bater na mesa sete vezes...

Onildo: Por isso chamava sete lapadas, porque não acendia de primeira (risos).

Gustavo: E sobre a “carça de arvorada”...

Onildo: “Nessa Feira, as coisas importantes e curiosas e que hoje, hoje nós podemos derivar a origem, por exemplo, a maior Feira da Sulanca da região: Caruaru. Nasceu aonde? Na Feira de Caruaru. Por que nasceu na Feira de Caruaru? Porque, naquela época, já se vendia roupa feita na feira. Sempre vendeu. ‘Carça de arvorada... nylon ou cortiça pra matuto num andar nu’. Quer dizer, o que é ‘carça de arvorada’? É o jeans de hoje. Como é o jeans, se o jeans foi o americano que inventou, foi...mas é...é um pano característico similar, só que o...o...a...o brim, a alvorada, que era a calça de alvorada. Alvorada é um brim, um brim feito uma lona, resistente a sol e chuva. O matuto comprava uma capa, uma calça daquela, ia pra roça com ela, lavava e vinha pra feira, quer dizer, era a roupa eterna dele, ele passava o ano todinho com aquela roupa, e a roupa forte, não rasgava facilmente, que era uma lona, então dali a semelhança do jeans, porque a cor do jeans é exatamente a cor da calça de alvorada, entendeu? É a mesma cor, essa calça que você tá vestindo, é o mesmo que você tá vendo um brim de alvorada. A juventude hoje, as novas gerações pra cá desconhecem porque desapareceu a alvorada, parece que ficou o jeans. E ali na feira de roupa vendia lençol, vendia toalha, vendia blusa, vendia vestido de chita, redes, então, é a feira de confecções, aquilo que tinha nas lojas tinha na Feira.”

Muito importante este trecho da entrevista com o compositor naquilo que ela revela de bens culturais que se encontram em situação de memória, de memória bem viva: viva como toda memória e bem viva porque registrada na canção e nas lembranças de homens e mulheres caruaruenses da geração de Onildo Almeida.

O depoimento é importante também porque registra diversos tipos de bens sobre os quais há desejos de que sejam recuperados, quer para informar às novas gerações a sua existência, a fim de manter os diversos usos e costumes perenizados nas tradições da Feira, quer para perpetuar os significados inerentes a cada bem citado: calça de alvorada, fósforo sete lapadas, e a relação destes com o “matuto”, o trabalhador rural, de poucas posses e poucos recursos para renovar seu estoque de vestuário - tendo que se limitar a uma calça apenas para o ano inteiro - além de sua simplicidade de hábitos de consumo,

preferindo o “sete lapadas” aos fósforos industrializados, aquele mais acessível ao seu bolso que estes.

Um terceiro elemento que me sugere a fala de Onildo Almeida é a natureza do culto da memória, enquanto *viva*. Neste culto, há coisas de guardar e há coisas de divulgar, de reabilitar, num processo de reconstrução do passado, obedecendo a critérios explícitos e implícitos, todos seletivos, porque é preciso purificar, limpar o que não parece vantajoso vir à luz. Esse tipo de memória não se confunde com as lembranças (a memória de guardar). Estas são colocadas no fundo dos baús da existência, das recordações, intocáveis (pelo menos ao nível do discurso subjetivo), incomunicáveis algumas, para que não se perca seu encanto, seu enlevo, saboreadas nas tardes em que a saudade vem para ficar, no agridoce dos sentimentos por ela provocados.

As evocações de Onildo, transcritas acima, são do tipo da memória do *divulgar*, do *perenizar* e do *reconstruir*. As do segundo tipo, penso que ele as deixou entrever nas lágrimas que brilhavam em seus olhos, quando, diante do Presidente do IPHAN, do Prefeito Tony Gel, das cem pessoas que representavam diversos segmentos da sociedade caruaruense - sobretudo os artistas e as associações dos feirantes - na manhã de 24 de fevereiro de 2006, o compositor finalizava a seção do pedido oficial para inscrever a Feira de Caruaru no Livro de Registros de Lugar do Patrimônio Nacional Imaterial, cantando a sua canção mais popular, mais evocativa, na mais comovente, talvez, de todas as interpretações que ele já protagonizou de sua música. As lágrimas que escorriam de seus olhos - e de muitos outros dos presentes - revelavam ocultando a ocorrência da outra memória, guardada no baú das lembranças, dos sentimentos mais íntimos, jamais revelados...

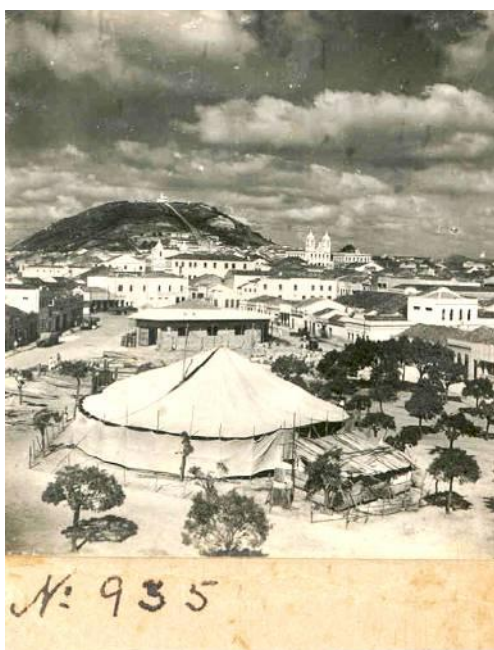
As reminiscências de Onildo ligadas às *meisinhas* demonstram o referenciamento dos feirantes e compradores pobres da região para com os médicos populares que receitam e vendem os remédios fitoterápicos na Feira. Esta se apresenta também no aspecto de *lugar para curar*, verdadeiro *lócus* de medicina complementar e, muitas vezes, quase única instância de busca de cura, paralela apenas às promessas e votos para os santos e demais entidades curadoras.

É fácil se constatar as mil e uma utilidades da Feira para o povão que dela se utiliza para preencher necessidades vitais, fonte que é de alternativas diversas e substitutivos para a consecução das urgências da vida negadas pela organização da sociedade de produção e consumo capitalista, marcadamente excludente!

Continua a História da Cidade e da Feira

Em comemoração ao centenário da fundação da cidade, foram erguidas na Avenida Manoel de Freitas, em 18 de maio de 1957, as estátuas de José Rodrigues de Jesus (fundador da cidade) e da primeira professora do município, a “Sinhazinha”.

O comércio de Caruaru, na década de 60, era procurado pela maioria da população



agrestina, graças às linhas de ônibus que ligavam o município aos demais centros urbanos da região. As rodovias estadual (PE-91) e federais (BR-232 e BR-104, que liga PE a PB) e a Rede Ferroviária do Norte, antiga Great Western, eram os acessos das cidades pernambucanas e paraibanas à Caruaru.

Em 1966, a Feira ocupava dois quilômetros do centro da cidade. Em 1975, a Feira do Troca-Troca localizava-se na Rua São Sebastião. A Feira se compunha da feira dos passarinhos, do fumo, das panelas, das frutas das verduras, da carne, cujo mercado é variadíssimo, das bonecas, dos bolos, dos laticínios, artigos de couro, arreios para animais e aviamentos para sapateiros, entre outros artigos. Nesta época, já se usava um alto-falante

para chamar atenção dos fregueses. As feiras se realizavam às quartas e aos, sábados, mais fortemente neste dia.

Em 1976, afirma o pesquisador da Casa da Cultura José Condé, o movimento na Feira começava por volta das seis da manhã, aumentando às dez horas. Os compradores vinham de Garanhuns, Bezerros, Arcoverde, Serra Talhada, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Relata ainda das famosas *garrafadas*, misturas de aguardentes com raízes e cascas de árvores que os agrestinos tomam como remédio. Na Rua São Sebastião encontrava-se o

comércio destes remédios, com as barracas dispostas em círculo, e a Feira do Troca-Troca.



Uma consideração importante se impõe sobre esta última *Feira*: permanece ela como uma significativa reminiscência da antiga relação de escambo, ou troca generalizada e costumeira de bens de consumo de primeira necessidade e outros igualmente úteis à vida cotidiana. Nos tempos coloniais, quando a circulação de moedas no meio rural era muito escassa e rara, as populações supriam

esta carência através daquele sistema de permutas, para a satisfação das necessidades das famílias e a manutenção do trabalho rural.

Tais costumes, de sentido vital até o século XIX, se perpetuaram nos dias de hoje em transações realizadas em determinados pontos das cidades - inclusive das nossas metrópoles, onde este uso permanece na qualidade de um meio de se trocar objetos de

consumo supérfluo, não mais considerados úteis pelo seu possuidor, desejoso de se desfazer deles, permutando-os por outros bens, tidos como mais necessários para o momento. Além das razões descritas acima, existem, no meio popular, indivíduos e grupos que estão sempre a permutar o que adquirem, recebem, ganham, num estilo quase cigano de estar sempre com algo novo, rendidos à atração exercida pelo costume do *fazer rolo*, do trocar pelo prazer que isto lhes traz. Pois bem, temos na Feira do Troca-Troca um exemplo eloqüente da continuidade desta tradição, no Nordeste do Brasil.

“Há ainda outras atrações bastante curiosas na feira de Caruaru, como as bandas de píano que alegam o ambiente e os contadores de histórias. Esses são homens de fértil imaginação que costumam relatar, diante de microfones, as histórias mais incríveis. Todos sabem que não sabem de histórias, que tudo é uma farsa, mas mesmo assim não negam seus suados centavos aos contadores. Afinal, suas histórias - falsas ou verdadeiras - são os sorrisos do povo.” (REVISTA SERPRO, 1976).

Novas invenções na linha da culinária

Em 1988, surgem novos produtos na Feira, fazendo bastante sucesso: são a carne, o bolo e o queijo de *jaca*. A criadora foi Caetana Olívia da Silva, que na época tinha trinta e cinco anos. Seus produtos fizeram aumentar o movimento na Feira. Caetana afirmou que até Miguel Arraes, então Governador de Pernambuco, visitara a Feira e provara de seus produtos. A Prefeitura adotou os pratos de jaca de dona Caetana para a merenda escolar.

Por influência da Feira do Artesanato...

De tamanha dimensão se tornava a Feira de Artesanato, que em 1990, acontecia em Caruaru a III Feira de Artesanato de Pernambuco. A Feira fazia parte da Festa do Umbu, que acontecia anualmente nas tardes do Domingo de Páscoa, no Morro do Bom Jesus. Artistas de Tracunhaém, Limoeiro, Poção, Passira, Gravatá e Goiana - todos municípios pernambucanos - traziam suas obras para somar às dos caruaruenses numa belíssima exposição artística.

A Sulanca e a transferência da Feira

Neste mesmo ano, Caruaru somava mais um título, “Capital da Sulanca”, por possuir a maior feira-livre de confecções do país. Esta Feira se realizava às terças e quintas-feiras, recebendo por volta de cinquenta mil pessoas. No final dos anos 90, juntaram-se a Caruaru as cidades de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, ambas no Agreste Central e vizinhas entre si, constituindo, os três municípios, o segundo pólo de confecções populares do país, inferior somente ao de São Paulo, em produção e venda.

O termo *sulanca*, conforme escritores e cronistas de Santa Cruz do Capibaribe e de Caruaru, provém de duas fontes, pelo menos: uma, quer dizer: *elanca do Sul*, em referência aos retalhos de panos de diversos tipos que vinham das fábricas paulistas e se tornavam matéria prima das confecções populares, no início das atividades do pólo acima descrito. O outro sentido remetia para o mal-acabamento das confecções, fabricadas em

fundos-de-quintal, como se diz vulgarmente; porém, muito apreciadas pela população pobre.

Ao longo do tempo, a Feira foi cada vez mais se desenvolvendo, crescendo, e conseqüentemente necessitando de outra infra-estrutura, de organização. De acordo com o *Diagnóstico* realizado possivelmente na década de 80, visando à transformação da Feira para o Parque 18 de Maio, era preciso uma transformação organizacional por causa dos seguintes fatores:

- Necessidade de expansão da área central do comércio;
- As interferências entre o comércio local e a Feira;
- A necessidade de infra-estruturas básicas e o estado em que se apresentava a Feira, impossibilitada de receber determinadas ações que lhe eram imprescindíveis;
- O processo de crescimento da Feira e sua área restrita de ocupação;
- O equacionamento entre o espaço de venda e o espaço de circulação para as compras;
- A Feira e a circulação automotora da cidade;
- A Feira e as novas funções de Caruaru.

Agrestinos e sertanejos imigraram para Caruaru em busca de emprego, principalmente no mercado informal, a Feira. Nos anos 80, havia uma expressiva concentração destes

desempregados, formando bolsões de baixa renda nas periferias da cidade.

De acordo com o mesmo diagnóstico: “A ampliação da feira torna-se impossível em seu habitat histórico, face a seu atual congestionamento de fluxos de pessoas e de mercadorias”. A reorganização da Feira seria uma das soluções para o descongestionamento de desempregados nas periferias de Caruaru: essas pessoas trabalhariam nas feiras, vendendo o que plantassem. Pagariam taxas diferenciadas de acordo com o tipo de produto comercializado. Esta não seria uma medida penalizante, mas com o objetivo de estimular as vendas. A esta época já era sugerido, como novo local para a Feira, o antigo Campo de Monta. O deslocamento da Feira também tornaria o trânsito no centro da cidade mais viável.



Portanto, com o crescimento da cidade, e para solucionar os conflitos e a saturação existentes, resultantes da necessidade de espaço para a Feira, o Governo Municipal decidiu transferi-la. Em 1982, o prefeito José Queiroz solicitou a dois arquitetos a elaboração de um projeto para a transferência da Feira. Constatava-se que “à medida que

a cidade mudava, o centro tomava outra dimensão. As lojas começaram a ficar tão importantes quanto à função da Feira e isso criou um confronto com as funções urbanas”.

A transferência da Feira de Artesanato serviria como experiência, como um projeto piloto, no que afirmaram:

“... ela tem outros padrões de armazenamento. A reposição de produtos. Enquanto tomate e macaxeira, você tem que renovar quase todo dia, sandália de couro e boneca de barro têm outro ritmo de abastecimento... ela tem outro público consumidor, que são mais turistas”.

Os arquitetos pretendiam estudar a aceitação dos feirantes e de sua clientela,

“permitindo que os feirantes se comportassem como proprietários individuais dos lotes, cada um transformou seu banco de feira numa loja com a cara que ele queria, ... a Feira de Flores, que antes tinha barraquinhas vendendo flores e passou, em determinado momento, a ser depósito.”

A arquiteta afirma, em entrevista (JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 15/05/1988; 25/12/1992), que viajou para vários países e cidades, como Amsterdã, Inglaterra, Paris, Londres, Alemanha, entre outros lugares que possuíam uma “estrutura medieval, mas moderna”, para o melhor entendimento e elaboração do projeto.

O jornal indica que o projeto foi feito com preocupações humanísticas para que houvesse condições adequadas para a melhor adaptação. Neste projeto, constava a construção dos Mercados de Carne e de Farinha, a Central de Abastecimento de Caruaru (CEACA), um Distrito Atacadista, o Memorial da Feira e a revitalização do centro da cidade.

Assim, a última Feira realizada no centro da cidade, em frente à Capela Nossa Senhora da Conceição, se deu no dia 16 de maio de 1992. Às seis horas do dia 17 de maio, os feirantes caminhavam com seus produtos de trabalho com destino ao Parque 18 de Maio, uma área próxima do centro. Lá, esta foi disposta espacialmente em forma convexa, sendo o Parque 18 de Maio uma área previamente planejada, como escreveu o arquiteto Gustavo Miranda (2004) em sua monografia de graduação *Caruaru: a Feira que se fez cidade... Investigando limites potenciais de uma relação espacial*⁷. Diz este autor que a intenção da Prefeitura foi a de retomar o centro como ponto de comércio formal para a cidade, solucionando os inúmeros conflitos decorrentes da existência da Feira, e dotar esta última de toda infra-estrutura necessária. Tanto assim que, de 22.760m², com 1861 barracas e 4000 feirantes (dados de 1982), “o Parque é cerca de seis vezes maior, com 154.440m², permitindo, assim, a possibilidade futura de um aumento considerável no número de comerciantes, chegando a ter, em 2004, crescimento de quase 500%”, com um montante contabilizado de 28.000 feirantes.

Em 1993, a cidade possuía duzentas pequenas fábricas de calçados, produzindo cerca de sessenta mil pares por semana: quinze mil eram destinados à Feira de Sapatos, que se localizava ao lado da Sulanca; o restante era comercializado com outros estados brasileiros, como o Amazonas, São Paulo, Pará, Distrito Federal e Minas Gerais. A prática

⁷ Agradeço à colaboração do autor em ter cedido um resumo do seu trabalho, como uma das fontes para este relatório.

de produção geral em Caruaru, em larga escala, está relacionada diretamente à quantidade consumida na Feira.

Ainda em 1993, um novo movimento econômico e populacional modifica certa característica urbana. O Alto do Moura começa a virar um bairro visado pela elite. Inicia-se a construção de casas requintadas, belíssimas. Artistas da alta classe social procuram migrar na intenção de residir no Alto do Moura, relatado por alguns turistas como o paraíso da paz. A tranquilidade e a simplicidade dos artesãos reina no local. Rose Maria, num artigo do Jornal do Commercio do Recife, edição do mesmo ano, afirma: “Depois da morte de Vitalino, os moradores adotaram o barro como fonte de renda”.

No ano de 1995, acontece em Caruaru o XIII Festival Internacional do Folclore de Caruaru e a XVIII Semana Internacional do Artesão. Grupos da Alemanha, Dinamarca, Espanha, Itália, Eslovênia e Taiwan, apresentaram os caruaruenses com demonstrações representativas de seus costumes. Toda essa riqueza é um reflexo da grandeza da Feira de Caruaru, que levou também para a Europa uma amostra de sua arte e de seus costumes. Houve apresentações de grupos do Maranhão, Rio Grande do Sul, Paraíba, Bahia e de algumas cidades pernambucanas.

Em 20 de outubro de 1995, foi inaugurado o Espaço Cultural em homenagem ao historiador caruaruense Nelson Barbalho, que contribuiu substancialmente para a formação intelectual histórica da cidade. No Espaço, encontram-se objetos pessoais, manuscritos inéditos e toda sua obra. Nelson Barbalho faleceu em 1993. Diversas citações de trabalhos dele se encontram neste Dossiê, fazendo assim justiça e homenagem ao seu talento de pesquisador documental e escritor.

Dou a palavra de novo a Miranda, falando de novidades da Feira surgidas já no século XXI:

“Porém, com a enorme circulação de dinheiro e alta atração de feirantes e compradores, a Feira de Caruaru começou a necessitar de mais espaço, passando, então, a se expandir em direção às ruas próximas a ela, a partir do ano 2000.”
(MIRANDA, 2004).

Hoje em dia, localizada no Parque 18 de Maio, a Feira de Caruaru alberga a **Feira Livre**, a **Feira dos Importados** (chamada popularmente de *Feira do Paraguai*), a **Feira do Artesanato**, a **Feira da Sulanca** - atualmente a mais importante das “Feiras”, que se realizava, no tempo do levantamento preliminar, nas segundas-feiras e hoje, ano de 2006, ocorre nas terças-feiras, mesmo dia da Feira do Gado, com início às quatro horas da manhã, indo até as 16 horas, mais ou menos; e a **Feira do Gado**, esta situada hoje no bairro do Cajá, onde está localizado o aeroporto. Além do gado bovino, negociam-se nela também cavalos, caprinos, ovinos, suínos e galináceos. Já a Feira Livre é composta das seguintes feiras setoriais:

- **Feira das Frutas e Verduras;**
- **Feira de Raízes e Ervas medicinais;**
- **Feira do Troca-Troca;**
- **Feira de Flores e Plantas ornamentais;**

- **Feira do Couro** (calçados, chapéus, bolsas, coletes, feitos deste material);
- **Feira Permanente de Confecções Populares** - a “Feira de Roupas”, esta funcionando todos os dias;
- **Feira dos Bolos, seção de *goma* e doces;**
- **Feira de Artigos de Cama, Mesa e Banho**
- **Feira das Ferragens;**
- **Feira do Fumo.**

A estas “feiras” deve-se acrescentar o prédio do **Mercado da Carne**, o **Museu do Cordel**, dentro do recinto da Feira de Artesanato - já se fez referência a ele acima - onde aos sábados - e de vez em quando em outros dias da semana - os visitantes podem encontrar cantadores entoando as rimas dos folhetos. Além disso, existem pelo menos duas oficinas de fabricação artesanal de instrumentos de Banda de Pífano, de alfaias (espécie de tambor usado nos maracatus-nação) e outros instrumentos de percussão⁸.

Conforme Miranda (2004), a Feira de Artesanato possui um faturamento médio de 20 milhões de reais/mês; a da Sulanca, 22 milhões, atraindo, esta, até 100.000 pessoas na alta estação, nos meses de junho (festas juninas) e dezembro.

Os seguintes números dão uma idéia da magnitude da Feira: a de Frutas e Verduras conta com 5.900 comerciantes e 20.000 compradores por semana; a da Sulanca, com 12.000 vendedores cadastrados, mais 10.000 “invasores” e 100.000 compradores na alta estação e 35.000 na baixa. A de Artesanato conta com 400 feirantes e 10.000 compradores por semana (MIRANDA, 2004).

Uma estação de rádio própria da Feira

Outro bem considerado por nós como Bem Associado à Feira, é a *Rádio Parque 18 de Maio*. Trata-se de uma emissora local, cujos transmissores se localizam no próprio Parque, com um sistema de alto-falantes espalhados em toda a área da Feira. Sua programação consta de comerciais das diversas “Feiras”, localização das mesmas, orientação aos compradores e turistas sobre os diversos serviços que funcionam na Feira, como: policiamento, serviços médicos de urgência próximos à área, além de orientações para encontrar esta ou aquela “Feira”. Durante a Feira da Sulanca, a emissora funciona também como chamada dos compradores de fora de Caruaru para se dirigirem para os coletivos, na hora do retorno aos lugares de origem.

Postei-me o dia inteiro, num dos dias da Sulanca, de frente para um dos alto-falantes, a fim de anotar os Estados do Nordeste e municípios pernambucanos de onde provinham os compradores; depois, conferi esta lista com as complementações dadas pelos donos de barracas de artesanato, próximas ao local da Sulanca (visto que é quase impossível entrevistar aqueles vendedores, sempre ocupados em atender aos “sulanqueiros”, (nome

⁸ Quero adiantar que todas estas Feiras se encontram já devidamente levantadas nas fichas próprias do INRC, incluindo nestas as fichas de Contatos.

popularmente dado aos que adquirem essas confecções populares em quantidade, para revender).

Anotei compradores provenientes dos seguintes Estados: **Bahia**: cidades da margem do Rio São Francisco; **Sergipe**: Aracaju; **Alagoas**: Maceió e duas outras cidades; **Paraíba**: Campina Grande, João Pessoa e outras cidades; **Rio Grande do Norte**: Natal e Caicó; e **Pernambuco**, todas as cidades vizinhas a Caruaru, exceção feita aos municípios pólo da Sulanca, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama⁹: a cidade dos *jeans*, cujas fábricas transportam confecções para a Feira, agora toda a terça-feira, além das confecções originárias de Caruaru. Além dessas, ouvi chamados para “sulanqueiros” de Petrolina e de outras cidades do Sertão; de Garanhuns, de Taquaritinga do Norte, entre os municípios do Agreste; de Palmares, da Mata Sul do Estado.

Um novo aeroporto para a cidade

O novo aeroporto de Caruaru foi inaugurado em 23 de junho de 1999. A pista de 1.800m de comprimento proporciona oportunidade de aeronaves como Faulker 100 e Boeing 300 pousarem na cidade, além de poderem ser feitos balizamentos noturnos. A obra teve um investimento de 866 mil reais, numa parceria entre o Governo do Estado e o Ministério da Aeronáutica. Em dados de 2001, Caruaru possuía 253.312 mil habitantes com seu fluxo comercial cada vez mais intenso.

3.3. Dados do Plano Diretor de Caruaru

Segundo o *Plano Diretor “Perfil de Caruaru - setembro de 2002”*, realizado pela Prefeitura de Caruaru naquele ano, o setor terciário tem uma importância extraordinária na formação do PIB municipal com uma participação ligeiramente superior a 80% e o setor de comércio representa quase um terço do PIB, percentual extremamente elevado e que revela a essencialidade da vocação histórica do município de Caruaru. A sua contribuição à geração da riqueza do município é maior, em média, do que a da soma dos setores primário e secundário.

Município de Caruaru - Evolução da Composição do Pib Segundo Setor de Atividade (1970/1998)

SETOR	1970	1975	1980	1985	1990	1993	1996	1998
primário	7,5	6,8	5,7	12,0	3,0	1,8	7,0	2,5
secundário	10,7	21,5	23,8	19,8	13,3	17,3	12,4	14,9
terciário	81,8	71,7	67,5	58,2	83,7	80,9	80,6	82,6
comércio	34,9	28,6	21,7	29,6	33,9	27,4	31,0	29,1
serviços	46,9	43,1	45,8	28,6	49,8	53,5	49,6	53,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

⁹ Estes três municípios constituem, até o momento, o principal pólo produtor de confecções populares de Pernambuco, considerado o segundo maior do país em montante de produção, inferior somente a São Paulo, conforme dados do *Plano Diretor: Perfil de Caruaru*, e informações jornalísticas.

Atualmente, a cidade possui quinze agências bancárias, cinco faculdades que oferecem mais de vinte cursos superiores, sete emissoras de rádio, dois canais de televisão e uma emissora em fase de experiência. Conta com diversas entidades, como Clubes de Lions e Rotarys, CDL, Associação Comercial e Industrial, Lojas Maçônicas, Panathlon Club, entre outras.

Desde março de 2001, Caruaru conta com um Escritório de Representação na capital do Estado, fortalecendo os contatos junto a órgãos internacionais, ao Governo Federal, Estadual e ONGs.

IV. A FEIRA E AS “FEIRAS”, HOJE

Este item tem por finalidade mostrar a situação sociocultural contemporânea das diversas “feiras” que compõem a Feira. Por isso, descreverei sucintamente cada uma delas, utilizando o conteúdo obtido nas pesquisas e colocado nas diversas Fichas de Lugar, e em outras, cujas informações que trazem se fizerem necessárias para a compreensão, em detalhes, da dinâmica atual da Feira. Parto da listagem já apresentada na seção anterior, das *Informações Históricas*. Nela, segui a ordem dada pela Fundação de Cultura, conforme se encontra, igualmente, no Plano Diretor do município. Repito abaixo, para melhor orientação dos leitores, elencando primeiro as quatro grandes Feiras, conforme nós, pesquisadores, pudemos constatar:

- Feira dos Importados (chamada popularmente de *Feira do Paraguai*)
- Feira do Artesanato
- Feira da Sulanca
- Feira do Gado

Em seguida, passarei a apresentar e analisar os detalhes das feiras que constituem a chamada “Feira Livre”:

- Feira das Frutas e Verduras
- Feira de Raízes e Ervas medicinais
- Feira do Troca-Troca
- Feira de Flores e Plantas ornamentais
- Feira do Couro (calçados, chapéus, bolsas, coletes, etc., feitos deste material)
- Feira Permanente de Confecções Populares (funciona todos os dias)
- Feira dos Bolos, seção de *goma* e doces
- Feira de Artigos de Cama, Mesa e Banho
- Feira das Ferragens
- Feira do Fumo

4.1. Feira do “Paraguai”, ou de Importados

Continua merecendo a categoria de “vigente”, dentro dos critérios do INRC, por manter-se em plena atividade. Está localizada em local contíguo ao da Feira da Sulanca e o fluxo maior de compra e venda ocorre nos dias em que esta funciona. Nela se vendem produtos importados, vindos principalmente do Paraguai: daí o nome como é conhecida popularmente.

Os bens de consumo mais comercializados são: relógios, carteiras, rádios, pilhas, objetos de ornamentação, bijuterias, perfumes, aparelhos microeletrônicos, flores e plantas artificiais e desidratadas, etc. É sempre possível encontrar produtos eletrodomésticos de

última geração, como televisores, DVDs, câmaras digitais, celulares... Os comerciantes, portanto, aproveitam o gancho da Feira da Sulanca, que atrai gente de outros Estados do Nordeste e municípios pernambucanos, que compram roupas em atacado para comercialização, e fazem o mesmo com os importados.

Muitos produtos comercializados são falsificados e trazidos normalmente por



intermediários - ou por comerciantes mesmo - que compram o produto no Paraguai e os revendem aos comerciantes da Feira. No entanto, tal prática foi bastante reduzida desde o ano de 2004, devido à ampliação da fiscalização na fronteira Brasil/Paraguai, sendo cada vez mais latente a figura do intermediário. Resultado disso tem sido o aumento dos preços dos produtos, que passaram a ser mais fiscalizados e, inclusive, tributados.

Além disso, alguns vendedores esclareceram que estão comprando diretamente em São Paulo, atualmente, onde dispõem de nota fiscal, e os trazem pessoalmente ou através de parentes e amigos, isentando os produtos, com isso, do ICMS.

Os protagonistas desta Feira, que se relacionam diretamente com ela, são constituídos pelos consumidores, os intermediários (que trazem os produtos do Paraguai ou de São Paulo) os donos das barracas e os revendedores (motoristas de ônibus que transportam os compradores para a Feira da Sulanca e, oportunamente, para a dos Importados, além dos próprios “sulanqueiros” compradores-revendedores), que muitas vezes compram na Feira artigos encomendados por habitantes de seus locais de origem.

A importância desta Feira reside, entre outros motivos, na perspectiva de preços mais baixos para os compradores e revendedores, ao mesmo tempo em que representa fontes de renda adicionais através do mercado informal, o que é, por si só, uma das grandes atividades produtivas dos países chamados “emergentes”, incluindo o Brasil, representando um percentual significativo no PIB destas economias. Além disso, a informalidade representa uma cultura própria dentro dos jogos de relações comerciais, ostentando relações entre patrões e operários, entre vendedores e compradores de índole diversa, caracterizadas pela informalidade econômica.

Nas discussões sobre o objeto de registro, a coordenação do Projeto preferiu não incluir a *Feira do Paraguai* dentre as feiras da Feira de Caruaru - embora ela possua uma tal riqueza de significados para a população que tem um lugar importante como centro de relações e de contatos culturais. O fato é que, diante do quadro da ilegalidade de certas práticas comerciais, optamos por deixar para outra ocasião a inclusão desta feira no objeto de registro.

4.2. Feira do Artesanato

É considerada plenamente um lugar, por estar inserida na Feira de Caruaru, abrigando práticas e sentido cultural específicos, que colaboram intensivamente para conferir-lhe o destaque e a importância, já reconhecidos. Está localizada no Parque 18 de Maio; tem seu início próximo ao estacionamento de carros que fica de frente ao centro de compras de confecções “Direto das Fábricas”. Funciona oficialmente de segunda a sábado - aos domingos vêm-se poucas barracas abertas, principalmente as que envolvem tipos de artesanato figurativos mais procurados por turistas.



Nesta Feira, podemos encontrar uma grande variedade de artigos: em primeiro lugar, o mais procurado por turistas e compradores-revendedores: o artesanato feito em barro, herança dos grandes iniciadores desta arte em Caruaru: o Mestre Vitalino, seus filhos e seus alunos, estes reproduzindo hoje a atividade para seus respectivos filhos, esposas e aprendizes. Dando asas à imaginação, retratam, na argila, os tipos humanos, homens e mulheres - estas em

todas as idades, grávidas, com meninos no colo ou solteiras - presentes no cotidiano do Alto do Moura, da Feira, e que são conhecidos e fazem parte do *folclore* da cidade; copiam figuras representativas das diversas profissões, desde o médico e o dentista ao varredor de rua, ao eletricitista trepado no poste de luz, ao agricultor e agricultora voltando do trabalho; perenizam marcas de veículos automotores, bandas de pífano, de



rock, de forró pé-de-serra, bandas marciais ou militares... representam os folguedos populares, reminiscências do reisado, do cavalo marinho, do maracatu que seus escultores “brincaram” na juventude; blocos de frevo, capoeiristas... Por falar em memórias da negritude entre o povo do Agreste pernambucano, destaco a linha de artesanato figurativo representando escravos negros em várias posturas e situações. A Feira reproduz outros artigos interessantes,

vendidos em diversos pontos turísticos, como: os discos de vinil pintados com temas locais e regionais; as pinturas ou gravuras coladas sobre telhas tipo colonial, os porta-retratos de espécies e tamanhos variados...

É muito significativa, igualmente, a produção de artigos em barro de bens utilitários: o “kit feijoada”, os vasos para plantas de inúmeros formatos - faço alusão aqui aos artigos em forma de animais do ceramista Zé Caboclo¹⁰; os espelhos, os jarros, as luminárias de argila, artisticamente decoradas... Destaco também os brinquedos para crianças e adultos: entre outros, o *mané-gostoso*, o *pião* que roda desenrolando um barbante que antes é envolvido nele; o *ratinho* que corre, através também de um sistema de barbante que se enrola e desenrola; várias criações do brinquedo que as crianças chamam de *rói-rói*, por produzir um ruído característico de algo sendo roído; acrescento ainda o sortimento enorme de bonecas de pano, das mais distintas formas, cores e tamanhos...

No artesanato em Xilogravura, encontramos centenas de capas de poemas de cordel, as produções dos *patrimônios vivos*¹¹ Dila e J. Lopes - este último de Bezerros/PE - que possui uma barraca na Feira, onde sua mulher vende as belíssimas pinturas que expressam o cotidiano do homem e mulher sertanejos e agrestinos, a geografia dessas regiões, as praias litorâneas e os folguedos de nossa cultura popular.

Vários tipos de bordados, os quais vêm geralmente do Ceará, de Sergipe, de Passira/ PE, de Pesqueira/ PE, entre outros; poucos são os bordados e os artigos de crochê produzidos em Caruaru mesmo: estes se restringem mais a artigos destinados à cozinha, como panos de prato com o nome “Lembrança de Caruaru”.

Há também os artigos de palha e vime; os artigos ornamentais feitos em couro, cru ou curtido, encontrados tanto aqui como na Feira específica de couros e calçados; Literatura de Cordel, à venda também fora do Museu; artigos em madeira como talhas e brinquedos; roupas (estas podem ser de fuxico, de renda, camisas com ditos populares, roupas estilo indiano, etc., além das produções locais, da Sulanca); bolsas (de corda, de couro, de fuxico, de palha, de tecido, de linha, etc.); imagens sacras de barro, madeira, gesso, metal, entre tantas outras coisas¹².

Encontram-se na Feira artesãos - hoje em menor número do que antes do crescimento da importância do Alto do Moura - que criam suas peças nas suas próprias barracas. Outros, moradores de municípios vizinhos, distribuem suas criações entre donos de vários estabelecimentos comerciais nesta Feira; o interessante é que alguns destes não deixam endereço nem mesmo telefone para contato: entregam certo número de obras, dão o preço, se despedem, voltando qualquer dia, alguns meses depois, para buscar o “apurado” das vendas. Nós pesquisadores achamos isto lindo, um costume que perdura de uma relação de confiança plena entre criadores e vendedores. Através de ocorrências como estas, pode-se analisar a continuidade de determinadas relações sociais hoje quase

¹⁰ Cf. Fichas de Lugar = Feira do Artesanato/ Localidade: Perímetro Urbano, e de Contato: Zé Caboclo/ Localidade: Alto do Moura.

¹¹ O Governo de Pernambuco, em 2005, instituiu o programa intitulado Patrimônios Vivos. A cada ano serão escolhidos artistas populares de diversos tipos de arte, com 60 anos de idade e mais, nascidos no Estado ou que vivam aqui há vinte anos ou mais, que tenham transmitido sua arte para seus familiares, alunos e/ou formado grupos para reprodução do seu saber. Os artistas Dila e J. Lopes estão entre os selecionados para este programa em 2005. Todos devem perceber uma ajuda mensal do Governo, de montante igual.

¹² Toda esta diversidade pode ser encontrada nas fichas de *Formas de Expressão* - com exceção dos bens que não são da própria Caruaru.

desaparecidas na sociedade contemporânea, entre artesãos e feirantes. Por outro lado, estes e aqueles nos têm reclamado, com muita insistência, da falta de segurança e de um estacionamento maior próximo a esta Feira, ao mesmo tempo em que destacam com frequência a importância econômica de sua atividade, para suas famílias e para Caruaru e região circunvizinha.

Complementando os dados aqui referidos sobre a Feira do Artesanato, passo a descrever algo da pesquisa documental sobre a vida dos artistas do **Alto do Moura**, em suas relações com a Feira.

René Ribeiro (1972), em seu livro sobre Vitalino, afirma:

“Aos seus primeiros bonecos, Vitalino chama-os de ‘loiça de brincadeira’. Foi com a função de ‘brinquedos’ para as crianças que começaram a aparecer nas feiras os bonecos de barro. A princípio nem eram bonecos - eram miniaturas de louça utilitária doméstica, ou ‘mealheiros’ (assim chamados popularmente os cofrinhos de barro, de vários desenhos), ou paliteiros com formas animais e réplicas em barro de objetos de cerâmica importada de Portugal. Depois, timidamente, os artistas populares começaram a tentar as figuras humanas, sob a forma de bonecos sentados, dada a fragilidade do barro cozido e não terem eles ainda obtido a confecção de uma base que desse estabilidade às figuras de pé. Vitalino é muito consciente não só dessa fragilidade dos materiais que trabalha - o que torna seus objetos de arte extremamente perecíveis - como de que precisamente nisso é que reside a continuidade da sua fonte única de renda. Como alguém comentasse que toda semana via-se obrigado a comprar novos bonecos porque ‘eu compro e os meninos quebram’, respondeu-lhe em nossa presença com o melhor bom humor: ‘Se não quebrasse, não tinha’ [novos]” (RIBEIRO, 1972).

Com muita segurança, Vitalino asseverava a um repórter: “Era mais importante que eu aprendesse a usar minhas mãos que minha cabeça. Na minha terra, as mãos produzem comida. E a cabeça só produz confusão” (JORNAL DO COMMERCIO, 11/07/02). Seus mais fiéis discípulos e companheiros foram Zé Caboclo, Manuel Eudócio, Zé Rodrigues, Ernestina, Luís Antonio, entre outros.

“Morador do Alto do Moura, Manuel Eudócio é o único artista vivo da geração que revolucionou a cerâmica figurativa brasileira e revelou Vitalino” (JORNAL DO COMMERCIO, 11/07/2002). Não sai do Alto do Moura para morar em canto nenhum, só vai ao Recife para fazer exames médicos. Grandes museus de arte da França e Inglaterra compram suas peças, como também na FENEART, (quer dizer: Feira Nordestina de Artesanato, que acontece no Recife, sempre no mês de julho, atraindo multidões de visitantes e compradores em atacado e a varejo) peças como *A Novena do Veio Cândido* fazem o maior sucesso. Afirma Eudócio, em reportagem ao Jornal do Commercio de 11/07/2002, “Essa arte só passou a ter valor com a morte de Vitalino. Antes, a gente vendia na Feira para as crianças, elas quebravam e a gente fazia de novo. Até vinte anos atrás, nem conheciam a gente. Chamavam tudo de Vitalino”. Afirma que, em 1948, a convite de Vitalino, foi à Feira pela primeira vez para vender suas primeiras quinze peças: eram cavalos e bois para as crianças brincarem.

Eudócio só passou a assinar suas peças a partir dos cinquenta anos de idade, sendo o primeiro artesão a criar conjuntos de reisado, bumba-meu-boi e cavalo marinho. Diz ainda na mesma entrevista:

“Zé Caboclo foi quem primeiro fez o maracatu e eu, o reisado. Quando eu era moço, brincava o reisado nessas ruas, fazia a figura do primeiro galante. Só fiz boneco porque vi os que Vitalino fez. No começo, eu botava bolinhas nos olhos. Vitalino usava furos. Ele viu e passou a fazer. E também tive a idéia de pegar uns palitos pra moldar onde a mão não alcançava. Aí ele disse: ‘deixa eu ver como é isso’. Morreu tudo. Fiquei eu, pra contar a história até o dia que Deus quiser.”
(JORNAL DO COMMERCIO, 11/07/2002).

Manuel Eudócio costuma deixar sempre uma marca de lembrança das brincadeiras populares em suas obras. Assim, quando ele põe bigode ou óculos nos cavaleiros nas peças, é porque o homem que brincava o folguedo assim se caracterizava.

Palavras de Walmiré Dimeron, Diretor de Documentação e Patrimônio Cultural da Fundação de Cultura de Caruaru, com escritório no Museu do Barro de Caruaru, em entrevista ao Jornal do Commercio: “Eudócio é um dos responsáveis pela evolução técnica. Foi um dos primeiros a usar arame nas peças. Com ele, a cerâmica ganhou acabamento, sofisticação” (JORNAL DO COMMERCIO, 28/08/2003).

Severino Vitalino, filho do “Mestre”, revela que seu sonho é conseguir um patrocínio para reproduzir as cento e dezoito peças de seu pai. Ele passa o dia inteiro construindo suas obras. Quando o artesanato carrega assinaturas de Vitalino ou de sua família, os preços sobem em até trezentos por cento.

Já Mestre Galdino criava animais e seres imaginários como só ele sabia fazer e escrevia versos para sua obra. “Os filhos de Mestre Galdino não vendem suas peças por dinheiro nenhum” (JORNAL DO COMMERCIO, 28/08/2003).

4.3. Feira da Sulanca - Bem Associado à Feira de Caruaru

O bem é considerado lugar incluído na totalidade da Feira de Caruaru pelo sentido cultural diferenciado que possui para a população local, regional e, mesmo, nacional, - como poderá ser conferido neste texto, mais adiante - além do sentido socioeconômico, que já foi enfatizado acima. Grande parte das atividades comerciais de Caruaru, e um montante considerável de empregos para a população, concentram-se na Feira da Sulanca e provêm da Feira da Sulanca, através do montante de serviços e atividades remuneradas que a mesma desencadeia, cada semana.

Além disso, esta Feira possui um significado bastante peculiar para a cultura da cidade e de municípios próximos, sobretudo os demais produtores deste tipo de confecções populares¹³ - que atualmente passam por processos de melhoria qualitativa, com programas estaduais de criação de *griffes* populares (com a participação do SEBRAE e de outros organismos) e as mudanças culturais daí decorrentes, em termos de relações de trabalho e de produção, de comercialização, de ampliação da área de influência das vendas. Por fim, acrescente-se a reprodução deste bem através das imitações desta forma de criação semi-artesanal em outros estados do Nordeste, motivadas pelas expectativas de

¹³ Refiro-me aqui aos municípios de Toritama e Santa Cruz do Capibaribe (cf. Fichas destas cidades, como bens associados, no Inventário).

geração de emprego e renda e da cultura do trabalho por conta própria (do *trabalhador - patrão dele mesmo*), que se amplia atualmente.

A Feira da Sulanca ocorre semanalmente no dia de terça-feira, desde 2005, como já foi dito. A colocação das barracas tem inícios no período do final da tarde da segunda-feira e se estende por toda a madrugada da terça. As barracas são transportadas por meios de “carros de mão” próprios, que são feitos de madeira rústica e possuem grandes dimensões, podendo transportar até quatro barracas ao mesmo tempo, exigindo muita força física por parte do condutor. Com as barracas já colocadas em seus devidos lugares, opera-se a colocação dos produtos a serem vendidos; o sistema de iluminação é providenciado pela Associação dos Feirantes.



A partir das quatro horas da manhã da terça-feira, o movimento no local começa a se intensificar, pois esta é a maior Feira que ocorre na cidade, com cerca de 10.000 bancos especializados em confecções populares de todos os tipos - já foi declarado no item anterior. Os produtos a serem vendidos ficam armazenados normalmente em áreas próximas à Feira, como por exemplo, em Box na Feira de Ferragens. Quando são provenientes de outros municípios - sobretudo de Santa Cruz do

Capibaribe e de Toritama -, que, com Caruaru, integram o pólo principal de fabricação de confecções populares no Estado, como já foi dito - essas mercadorias são geralmente trazidas em jipes da marca “Toyota”, muito abundantes em Pernambuco.

O Programa “Boas Compras”, de apoio ao comércio popular, coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano do Governo de Pernambuco, editou, em 2003, um conjunto de dados referentes ao desempenho de natureza socioeconômica do Pólo de confecções populares, abrangendo os três municípios acima referidos, do qual apresento os seguintes itens:¹⁴

- São 12.100 empreendimentos industriais, 90%, informais;
- São responsáveis por 76.700 empregos;
- Produzem 57.800.000 peças por mês;
- O faturamento é de 160 milhões de reais;
- A fabricação de jeans (predominando as confecções de Toritama), representa 14% da produção nacional deste tipo de vestimentas;

¹⁴ Agradeço a Valmiré Dimerón o envio dos dois programas em *power point*, contendo os dados que passo a citar em seguida.

- Há uma pluralidade de produtos, constituída por: malharias, jeans, camisaria, roupa íntima; *sport wear* e banho;
- Percentuais de distribuição e comercialização: 36,03% para Pernambuco; 12,63% para a Bahia; 40,63% para outros estados do Norte e Nordeste; 10,70% para as demais regiões do país (dados de 2003, repito).

Estes dados são complementados e alguns deles atualizados pelo elenco de itens referentes à quantidade de dinheiro movimentado em algumas feiras, à participação de visitantes e compradores etc, informados a Gustavo Miranda em 2004, por representantes dos seguintes órgãos: Coordenadoria de Comunicação da Prefeitura Municipal, Associação dos Sulanqueiros de Caruaru e Associação dos Feirantes de Artesanato de Caruaru.

Um outro conjunto de informações em *power point*, enviado por Valmiré Dimerón para a 5ª SR do IPHAN, diz respeito a um trabalho apresentado no *I Seminário sobre a Feira da Sulanca*, realizado no ano de 2005, em promoção conjunta do Governo Federal e Estadual de Pernambuco, no qual consta um plano montado de segurança nas estradas federais que passam em Caruaru - notadamente as BRs 232 e 104, como já foi assinalado em outro lugar, estas interligadas às BRs 116 e 101 -, no contexto da Feira da Sulanca. Trata-se de um plano conjunto do DPRF/ 11ª SR - PRF e do DER/ PE com a finalidade de por fim às ocorrências de assaltos a veículos que transportam compradores e revendedores da Feira da Sulanca para seus estados e municípios de origem. Apesar destes se retirarem da Feira por volta das 15 horas (para isto chegando a Caruaru nas primeiras horas do dia, a fim de disporem do tempo necessário para apreciar os produtos e comprar), no entanto, as abordagens criminosas aos coletivos se tornavam cada vez mais numerosas; daí esta providência, fruto de ação conjunta desses órgãos de segurança nas rodovias federais que ligam Caruaru ao restante do país.

Num desses acasos que enchem de alegria um pesquisador, vim a tomar conhecimento, muito recentemente, de uma rede contemporânea de circulação e comercialização das confecções produzidas no Pólo da Sulanca. Viajando de volta para o Recife, em junho de 2006, regressando da participação na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia e de um Colóquio sobre Patrimônio Cultural - o papel dos Antropólogos, ambos acontecidos no Estado de Goiás, sentei-me, no avião, ao lado de um cidadão morador de Caruaru que regressava de uma de suas viagens a São Paulo: trabalho atual seu, que consiste em oferecer os produtos confeccionados no Pólo para o comércio da capital paulista. Ele negocia a vendagem, o tipo de confecções, a quantidade, o preço, o sistema de pagamento, o modo de transporte; toma notas dos endereços e traz os pedidos para as indústrias respectivas, a fim de serem encaminhados.

Com isto, obtive um dado muito importante, não conseguido no tempo da pesquisa de campo, sobre esta outra forma de colocação das confecções sulanqueiras, exatamente no Estado que constitui, em estatísticas de anos recentes, o primeiro pólo produtor de roupas populares! E aqui vem a pergunta inevitável: será que a situação está se revertendo?

Pernambuco, através das intervenções governamentais e de outros órgãos, está se colocando no topo desta produção?

Continuando a descrição da montagem desta Feira: o transporte até as barracas é feito por meio de carroceiros, que levam os fardos de confecções e os manequins. O ritmo é frenético e intenso, gerando todo um mercado paralelo de pessoas que aproveitam a movimentação para ganhar dinheiro, através da prestação de diversos serviços, ligados ao transporte, à venda de comestíveis, aos pregões dos produtos à venda, e outros, e revelam de modo claro o caráter dinâmico da Feira. É possível observar muitas barracas de lanche, moto-taxistas e vendedores dos mais variados produtos que circulam pela Feira. Enquanto isso, vão chegando os ônibus, as *bestas* (vans) e *toyotas* (marca de jipes, assim conhecida em Pernambuco e outros Estados do Nordeste) de compradores dos mais diversos lugares, principalmente da região Nordeste: Sul da Bahia, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sul do Ceará, além de Pernambuco. Cada ônibus custa R\$ 25,00 a vaga de estacionamento; *bestas* e *toyotas*, dois terços disso, em média.

Os feirantes atuam, em sua grande maioria, nas três maiores feiras de venda de confecções, formando o triângulo das confecções no Agreste pernambucano, situado nos municípios acima elencados. A Feira atinge, principalmente, um público de pequenos revendedores. A maioria dos produtos é vendida no atacado, sendo possível também a venda no varejo, caso em que há um certo aumento no preço final do produto. Também é possível observar “sulanqueiros” que vendem roupas produzidas por eles mesmos e familiares, frutos das “fábricas de fundo de quintal”.

A Feira é de grande importância para a vida local, já que contribui enormemente para sustentar a economia da cidade, ocasionando inclusive a procura de artigos de cama e mesa e de confecções mais sofisticadas nas lojas, butiques e *shoppings*, entre compradores e revendedores que aproveitam o ensejo para se abastecerem com tais produtos. Além disso, a Feira da Sulanca também ajuda no aumento das vendas nas outras feiras: a de Importados e a do Artesanato são destaque nisso, pois os proprietários chegam a alugar a frente de suas lojas para os sulanqueiros colocarem seus produtos.

A Feira da Sulanca pode muito bem figurar no conjunto da Feira de Caruaru como um *bem associado à Feira*, pelos motivos alegados acima, sobretudo pela influência que esta Feira exerce sobre as demais, impulsionando os negócios em muitas delas, nas terças-feiras, como foi salientado. Isto configura uma relação atual de interdependência entre a Sulanca e a Feira de Caruaru em sua totalidade, aquela antes se beneficiando do lugar que esta já ocupava na cidade, no Estado e em sua fama nacional, como lugar de ocorrência de multidões de feirantes, compradores, visitantes e turistas, nacionais e internacionais. Hoje, a Sulanca alavancando também a Feira de Caruaru, responsável por um dos maiores faturamentos e concorrendo para a importância sociocultural da feira.

4.4. Feira do Gado

Tudo - quer dizer: a Feira e, em seguida, a povoação na Fazenda Caruru - começou com ela, dizem os historiadores e cronistas. Nós, pesquisadores, consideramo-la “lugar integrado” à Feira de Caruaru, de importância ímpar, porque constituiu a origem do povoamento da região, que depois se transformou na cidade, ocasionou o surgimento paulatino do comércio dos gêneros de primeira necessidade, de vestuário, de artigos domésticos em geral e, enfim da grande Feira. Em termos de ocorrência socioeconômica, é bastante representativa por ser a maior do Nordeste e, há dez anos, considerada a maior do Brasil. Hoje em dia - nos foi dito nas entrevistas com os coordenadores dela, entre eles o Sr. João Dutra, principal diretor da Feira e do Matadouro Municipal na época da pesquisa - ela chegou a suplantá-la, em volume de negócios, a também grande Feira do Gado de Feira de Santana/ BA. Em Caruaru, a Feira inclui a comercialização não só do gado bovino,



mas também de cavalos, bodes, artigos em couro, utensílios indispensáveis para as atividades dos vaqueiros, etc. O gado negociado se divide em: gado “de corte” e gado “de recria”.

A Feira está atualmente localizada no bairro do Cajá, de frente para o aeroporto e o aeroclube de Caruaru. Tem início toda segunda-feira à noite, com a chegada dos boiadeiros e das manadas, que se prolonga madrugada adentro. Os comerciantes vindos nesse horário podem pernoitar no local, armando sua rede em um quarto específico, junto com os demais. Aquele que estiver querendo se divertir durante a noite pode, inclusive, optar por pernoitar no cabaré estabelecido dentro do recinto, que funciona todo o tempo que durar a movimentação de pessoas.

Na terça-feira pela manhã, o dia começa agitado. Quem estiver entrando na Feira se depara com um estacionamento lotado de carros e caminhões. Em meio a uma multidão de produtores, criadores e compradores, percebem-se boxes ou *barracas* ostentando artigos de uso para vaqueiros, além de vendedores de ferro para marcar bois e cabras. Antes de se chegar às grandes áreas dos currais, o visitante ou comprador se depara com a transmissão local da “Rádio Sistema Sonoro da Feira do Gado”, ligada ao “Sistema Sonoro do Terminal Rodoviário de Caruaru”, ao “Sistema Sonoro da Feira da Sulanca”, “Sistema Sonoro da CEACA” e “Sistema Sonoro do Parque das Feiras”. Essa rádio possui o papel principal de divulgar anúncios para um determinado público-alvo que, neste caso, são as pessoas que trabalham com agropecuária. Assim, são feitos, durante a Feira, anúncios de medicamentos, vaquejadas, utilidade pública, etc. Existem marcas de produtos concorrentes da rádio e outras que pagam uma determinada quantia por anúncios.

O Estado fica responsável pelo controle da vacinação do gado contra a febre aftosa. Nenhuma transação pode ser efetuada sem a apresentação do cartão de vacina do animal. O grande corredor que dá acesso aos bois que estão sendo vendidos é bastante perigoso de se percorrer, uma vez que muito facilmente os animais se soltam e acabam gerando tumultos e correrias, que muitos vêem como uma espécie de diversão perigosa.

A Feira de Cavalos situa-se num grande cercado dentro da Feira do Gado. As negociações são feitas da mesma forma e as raças mais procuradas são: mestiço, quarto de milha e inglesa. É comum a imagem de possíveis compradores montando em alta velocidade para testar a capacidade de freio do animal. O público envolvido é composto de compradores, criadores, produtores, firmas e pessoas interessadas em agronegócios. Cerca de dez mil pessoas circulam pela Feira, oriundas dos mais diversos municípios de Pernambuco, tais como: Vitória de Santo Antão, Bonito, Brejo da Madre de Deus, Recife, etc. Na época da safra, ou do “boi gordo”, o gado vem do Piauí, Maranhão, Tocantins, Goiás, Pará, Bahia e Minas Gerais. Na entressafra, 80% do gado é do Nordeste, só 20% dos demais Estados citados. Já o gado de recria vem do Piauí e do Maranhão, além de Pernambuco e Estados próximos. A Feira é importante para a vida local, já que são realizadas cerca de 2.500 negociações por dia, rendendo em média um milhão a um milhão e duzentos mil reais por feira. A Prefeitura recebe três reais por cada cabeça de gado que é negociada; com isso, arrecada imposto para o município e contribui para a economia local.

Local de relações significativas de compra e venda; local de origem do povoamento da região; local que sinaliza uma memória do passado do *Ciclo do Gado*, etapa importante da formação histórico-cultural e econômica do interior do Brasil: características que conferem à Feira do Gado o sentido sócio-antropológico de Lugar.

4.5. Feira das Frutas e Verduras

É bonito de se ver a sucessão de barracas formando várias alamedas, o verde vivo das alfaces e pimentões se misturando com o verde mais escuro e fosco dos quiabos, o esmaecido das couves, dos pepinos, dos molhos de coentros... do vermelho dos tomates, do alaranjado das cenouras, do amarelo quase branco ou o rosa dos jerimums, que os sulistas chamam *abóbora*, o nordestino destinando este substantivo para as pequenas abobrinhas esverdeadas, rivalizando seu verde-amarelo com o dos maxixes... Isto só para falar das verduras.

E a beleza das frutas, brilhando e rebrilhando ao sol tropical em dias de verão, e propiciando uma alegria colorida nas manhãs cinzentas de inverno? Todas as tonalidades de amarelo, verde, vermelho, rosa, laranja, o marrom das sapotas, sapotis, das *tuias* de tamarindos para fazer suco e sorvete em casa, o roxo das uvas e ameixas... É muita beleza!

À tarde, os pobres aparecem, meio envergonhados, algumas mulheres proferindo *desculpas esfarrapadas* sobre o porquê de ali chegarem ao final da Feira: criança doente

em casa, visita que chegou de manhã e demorou a sair, o marido precisava almoçar cedo... enfim, é a hora do preço mais baixo, também de comprar produtos machucados,



mexidos, de qualidade inferior; mas, melhor assim do que não ter nada pra levar pros filhos, raciocinam conformados, homens e mulheres. E a tradição e os costumes centenários permanecem, se perpetuam, constituindo também aqui um Lugar onde se pode escolher os produtos fresquinhos na parte da manhã, onde existem relações de amizade e troca de saberes entre vendedores e compradores, e onde se reproduzem os costumes acima citados: as compras dos mais

pobres no final da tarde, porque para estes também há a possibilidade de adquirirem o indispensável para sobreviver. Tudo ocorrendo na grande Feira, que “tem de tudo que há no mundo”.

4.6. Feira de Raízes e Ervas Medicinais

A *Feira de Ervas*, como é mais conhecida, é considerada um lugar por estar inserida na Feira de Caruaru e ser um local que abriga práticas importantíssimas, do ponto de vista das tradições da medicina popular no Brasil, que incorporou contribuições indígenas, africanas de diversas regiões, ibéricas, judaicas, flamengas - sobretudo no Nordeste, difundidas ao tempo da dominação holandesa em Pernambuco e estados ao Norte, até o Ceará. Toda esta herança, num campo tão significativo e vital para a existência humana,



que é o da busca da saúde, possui enorme riqueza de sentidos culturais específicos.

Esta Feira funciona todos os dias - exceto aos domingos. É formada de trinta e cinco barracas, em média. Nela, podemos encontrar uma diversidade muito grande de ervas, raízes e medicamentos. A maioria destes são adquiridos nos sítios do município ou de regiões próximas, mas a pesquisa de campo identificou feirantes que plantam em suas próprias casas ou sítios algumas ervas

como: aroeira, angico, arruda, alecrim, babosa, hortelã miúda, capim-santo, entre outras. Além das ervas e raízes, estão disponíveis para aquisição, nas barracas, grande profusão de imagens de santos católicos da devoção popular e de entidades do xangô/candomblé,

da umbanda, da jurema¹⁵. Vêem-se disponíveis nas prateleiras bebidas com fins medicinais; bonecos portadores de forças *da esquerda*, conforme a crença e a nomenclatura do povo-de-santo e denominados vulgarmente de *magia negra*; medicamentos caseiros de uso cotidiano; amuletos; misturas embaladas para chás ou banhos rituais “para afastar mau-olhado, inveja, doenças etc.”, explicavam os vendedores. Além desses produtos, encontram-se para compra materiais sagrados de religiões de matriz africana, como ervas e raízes para banhos rituais ou de descarrego, para chás, para defumadores, e outros. Dentre os medicamentos caseiros, destacam-se os lambedores, os descongestionantes nasais e as garrafadas. Muitos desses remédios, principalmente as garrafadas, são produzidos pelos próprios vendedores desta Feira.

Os feirantes entrevistados consideram que os maiores problemas desta parte da Feira são os relacionados com a segurança e a falta de organização. Já o lado positivo, por eles avaliado, está relacionado à possibilidade de gerar renda.

Na Feira de Ervas podemos encontrar figuras de relevância como Seu Manuel Quirino, conhecido como “o médico da Feira”, famoso por receitar remédios e fazer consultas espirituais. Foi encontrado e entrevistado, na fase do Levantamento Preliminar, o vendedor Seu Bui da Raiz: “o raizeiro que é doutor”. Era formado em História e Direito e não exercia nenhuma das profissões. Preferiu dedicar-se apenas às ervas, inclusive estudando sobre elas, tornando-se, pouco-a-pouco, autodidata em medicina clínica. Infelizmente, quando iniciamos a fase do Inventário na pesquisa de campo, descobrimos que ele havia falecido. O consolo foi que Seu Bui já havia sido entrevistado, fotografado, e preenchida sua ficha de Contato. Foi confortador, também, descobrirmos que Salviano, filho do seu Bui, juntamente com sua mãe e sua esposa, levaram adiante o negócio e a arte iniciada pelo pai e por eles participado, quando em vida do Seu Bui, mantendo vivas a tradição e os conhecimentos do genitor e esposo.

O público envolvido é constituído por pessoas das várias religiões afro e gente em geral que “faz fé” nos remédios fitoterápicos (o que inclui pessoas da região e turistas). A importância desta Feira como Lugar se efetua na guarda e reprodução destes saberes, aliados a uma constante atualização dos conhecimentos medicinais provenientes das vertentes: indígena, ibérica, africana e judaica - no caso da Região Nordeste - e guardados na memória viva das gerações que se sucedem.

4.7. Feira do Troca-Troca

É considerado um Lugar por estar inserido na grande Feira, e por abrigar um conjunto de práticas e comportamentos portadores de significados socioculturais específicos para o

¹⁵ Até uns trinta anos atrás, esta tradição religiosa afro-ameríndia-católica chamava-se *catimbó*, nos Estados do Nordeste - foi assim denominada por Mário de Andrade e Câmara Cascudo, em seus notáveis estudos sobre esta tradição. Pouco a pouco, no entanto, por razões cuja discussão não cabe neste trabalho, foi passando a ser conhecida como *jurema*. Já o *xangô* é o nome com que é normalmente conhecida a tradição iorubá-nagô, em Pernambuco, chamada de *candomblé* em quase todo o Brasil.

público, que é ator social deste espaço e atividade. Ao mesmo tempo, representa um todo complexo envolvendo costumes centenários ligados à instituição do *escambo* ou economia baseada na troca de bens, freqüente no interior do território do Brasil-colônia ou Império, em vista da precária e quase nula circulação de moedas, como já afirmamos acima.

Neste sentido, esta Feira representa um espaço importante de resistência socioeconômica e cultural, motivado não só pelas condições econômicas adversas de boa parte de nossa população pobre, que tem na prática do troca-troca uma via recorrente de acesso aos



bens de consumo duráveis, de preços proibitivos para o percentual da população abaixo da linha de pobreza, mas também um dado cultural não desprezível: o de práticas antes ditadas pela necessidade e pela conjuntura econômica, que hoje se tornaram ocasiões de redes de sociabilidades, sobretudo entre a população masculina. Tudo isso sinaliza costumes e comportamentos particulares diretamente vinculados a esta atividade.

Esta Feira é realizada aos sábados, iniciando as montagens de barracas e de objetos espalhados pelo chão aproximadamente às sete horas da manhã e encerrando a partir das 11 horas. Os produtos comercializados são prioritariamente de segunda mão; na maioria, são dos próprios vendedores - que às vezes funcionam como intermediários de outras pessoas - ou frutos de trocas anteriores. Entre os artigos vendidos, é possível encontrar bicicleta, rádios, televisores antigos, motores de carro, bolsas, relógios, sapatos, roupas, peças de computadores antigos, aparelhos eletrônicos em geral saídos de linha, etc. Existe também a venda de produtos com a procedência duvidosa, por isso observam-se costumeiras batidas policiais para averiguação de tais procedimentos de venda. O fato das freqüentes batidas pode ocasionar, a longo prazo, a diminuição desta atividade, por medo da repressão das forças de segurança, que, muitas vezes, nesses casos, penalizam culpados e não-culpados. Daí o trabalho do Inventário sugere que tais batidas se façam quando existem mandados de prisão e/ou denúncias formais de roubos de artigos comercializados ou trocados nesta Feira, as ações policiais se restringindo aos meliantes denunciados, e não a todos os vendedores, indistintamente, como os pesquisadores tiveram ocasião de presenciar.

As barracas são de uso temporário e o que mais se vê é a colocação dos produtos no próprio chão ou em calçadas próximas à Feira, sobretudo quando se trata de caixas com artigos pequenos. A comercialização dos produtos nem sempre é feita pela aquisição por dinheiro, havendo a possibilidade de trocar por outro produto que se deseja; o preço também é algo extremamente negociável. O público que se envolve com esta atividade é

os vendedores, os compradores, podendo estes levar produtos a fim de que sejam trocados, e os ambulantes, que vendem os seus produtos nas mãos.

Todos os motivos acima elencados, que remetem para as origens da prática do escambo no Brasil-colônia e que se reproduzem hoje, mantendo e recriando formas de sociabilidade, sobretudo masculina - embora não exclusivamente, como tivemos ocasião de constatar - levam a uma conclusão: estamos diante de uma das formações culturais mais interessantes da Feira, o que confere, também, um significado de Lugar específico, pelo conjunto de sentidos socioculturais que encerra.

4.8. Feira de Flores e Plantas Ornamentais

Consideramo-la também um lugar digno de registro, dentro da Feira de Caruaru, não só por fazer parte da mesma, estar nela incluída, mas por possuir sentidos culturais diferenciados, tanto para a população local como para os compradores e revendedores de fora do município. Esta Feira, com sua exposição permanente de flores e plantas ornamentais, detém um conjunto de fontes de pesquisa sobre preferências estéticas do povo do Agreste e, talvez, de Pernambuco em geral, além de expressar as relações entre o clima e a vegetação local, e das redondezas. Por outro lado, proporciona uma via de escoamento desta produção, proveniente, em sua maioria, das terras altas dos municípios vizinhos a Caruaru, que fazem parte da micro-região do *brejo úmido*.



Esta Feira é localizada próxima ao Mercado da Carne, possuindo dez barracas em média, que funcionam de segunda a sábado. Os produtos são trazidos por distribuidores das micro-regiões acima citadas, sendo que uma parte provém de São Paulo, da Fazenda Holambra e de outros lugares.

As barracas são, em sua maioria, feitas de madeira. As espécies de flores mais procuradas são: o “monsieur”, a “calábria”, a “celsa” e o “gladiolo”. O

público envolvido nesta Feira é de fornecedores, vendedores e compradores. A movimentação deste setor é muito importante para a vida local, uma vez que contribui pra sua economia, principalmente em datas comemorativas como Dia dos Pais, das Mães, dos Namorados, Finados, Natal etc., quando o número de vendas cresce bastante. Afora o econômico, observa-se recentemente, uma maior procura destas pequenas maravilhas da natureza nessa datas, devido talvez a uma maior valorização que as flores vêm recebendo por parte da população em geral, no Nordeste, antes menos afeito a trocas de presentes deste tipo, o que tornava estes produtos ornamentais mais empregados nas religiões: locais de culto e rituais. Repito que está existindo uma maior apreciação das flores como

expressão de sentimentos de veneração, carinho, afetos em geral, na nossa região; prova disto é o crescimento dos plantios nesta área, dos eventos e desta Feira. Um fato importante e digno de figurar no registro é o caráter familiar desse tipo de comércio, no sentido de que ele é exercido por um grupo que possui laços familiares próximos entre si e que passa esta atividade de pais para filhos.

4.9. Feira do Couro (calçados, chapéus, bolsas, etc., feitos deste material)

A Feira de Couro ou couros deve considerar-se um Lugar não só por estar inserida na Feira de Caruaru, mas pela antiguidade que representa, ligada ao ciclo econômico do gado, do qual o homem brasileiro sempre aproveitou não só a carne, mas outras partes do corpo do animal para componentes do vestuário (gibões, por exemplo), calçados (as sandálias



típicas dos vaqueiros), bolsas, sacolas, ornamentos vários e utensílios domésticos. Dentre estas partes, sobressai, sem sombra de dúvida o *couro*, como ficou conhecida a pele do gado. A partir destas experiências e da cultura própria que se criou no Ciclo do Gado, esta feira abriga práticas e sentidos culturais específicos, daí que justifica seu registro como Lugar onde se reproduzem e se mantêm as atividades, práticas e sentidos acima descritos.

A Feira de Couros fica próxima à Feira de Roupas, ambas no Parque 18 de Maio, e é onde podemos encontrar uma grande diversidade de calçados, sobretudo, mas também dos outros artefatos de couro. No entanto, é bom salientar que os produtos aqui ofertados se encontram igualmente na Feira do Artesanato, às vezes em maior diversidade. Os calçados, principalmente, estão dispostos em bancos que ficam de um lado e de outro das ruas destinadas a esta Feira, que funciona de segunda a sábado. Os produtos vendidos neste ponto vêm, principalmente, do Ceará e da Bahia; poucos são os calçados produzidos na própria Caruaru. As compras são feitas exclusivamente à vista, pois não há um sistema de crediário - como há na maioria dos boxes da Feira de Roupas.

O público envolvido é formado por pessoas da região e turistas. A importância desta Feira, além de cultural, é econômica - aspecto apontado pelos comerciantes - dados os preços mais baixos destes produtos, em geral e a grande procura que daí resulta, inclusive pelos modelos que reproduzem as antigas sandálias e botas de couro cru, usadas pelos boiadeiros.

4.10. Feira Permanente de Confeções Populares

Esta Feira de Roupas é permanente e funciona todos os dias, exceto aos domingos, tendo um número aproximado de 300 barracas. Não pode ser confundida com a Feira da Sulanca, primeiro, por causa do gigantismo desta; segundo, porque ela só funciona nas terças-feiras. No entanto, a Feira da Sulanca fornece a maior parte das roupas vendidas na Feira Permanente. Outra parte é comprada nas próprias fábricas do pólo de confeções populares e revendida aqui. Os vendedores pagam impostos à Prefeitura, de acordo com a quantidade de boxes ou barracas que possuem. Estes apontam como ponto positivo o fato de estarem empregados e de terem uma renda, mas indicam como algo negativo a falta de segurança, a falta de sanitários e o fraco movimento - exceção feita ao final do ano. A diminuição de compradores se deve a que a maior variedade de produtos é oferecida na Feira da Sulanca, para onde converge toda a região e os demais Estados já assinalados, inclusive com um movimento enorme de revendedores - o que não acontece nesta pequena Feira Permanente.

Além de roupas para todas as faixas etárias, encontra-se também um setor dedicado a artigos de bebê (roupa, lençóis, fraldas, adornos, entre outros).

Aqui, aproveitando a calma dos poucos compradores - a maioria visitantes ocasionais e habitantes de Caruaru - podemos olhar as vendedoras que fazem crochê e tricô para venderem em sua própria loja.

Como fato cultural, ela estende durante a semana a disponibilização dos mesmos artigos populares fabricados em Caruaru e demais cidades, sendo uma reprodução, em ponto bem menor, da importância da Feira da Sulanca, como escoamento de uma atividade regional, naquilo que esta tem de específico, que possui uma história e proporciona um significado rico e diversificado para os municípios que compõem o pólo das confeções populares. Como fato econômico, esta feira contribui para a economia do município e o crescimento de empregos.

4.11. Feira dos Bolos, Seção de *Goma* e Doces

Por se achar inserida na Feira de Caruaru e abrigar um sentido cultural específico para o público que o compõe, ligado sobretudo à culinária nordestina, pela fabricação, exibição e venda de produtos típicos da doçaria da Região, consideramo-la um Lugar. Mantém-se em plena atividade e muito procurada e visitada, por isto é um bem plenamente vigente.

Esta Feira é vizinha à Feira de Ervas; é composta por dezoito barracas em média, funcionando de segunda a sábado. Sua maior movimentação ocorre nas terças-feiras, fato decorrente do grande número de freqüentadores da Feira da Sulanca, quando multidões percorrem os boxes e barracas para comprar e merendar.

Estas têm estrutura de ferro e madeira. Os produtos em sua maioria são bolos, quase todos típicos, de diversos feitios e materiais, mas encontram-se também queijos do tipo

coalho - hoje famosos também no Sudeste - e até artigos vendidos em supermercados, como enlatados, açúcar, bolachas típicas de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, etc. A variedade de bolos é grande: entre eles estão o de *araruta*, os bolos de *massa de mandioca*, como os “pés de moleque”, “manuê”, “bate-entope”, “barra branca”, o “Souza Leão” e outros. Há também os bolos feitos de leite, como o “bolo baêta”. Vendem-se bolos de trigo, como: o “celeste”, o “mata-fome”, o “pão-de-ló”, o “engana-marido”, o “agarra-marido”; há também bolos de milho, de diversos feitios e modos de preparo e de assar. Além disso, são vendidos diversos tipos de bolachas, doces e salgadas: o “tareco”, o “coquinho”, os biscoitos de canela etc.

A grande maioria desses doces constitui hoje parte cotidiana ou sazonal da culinária popular nordestina. O mesmo pode-se dizer da produção dos quitutes feitos com a *goma*. A denominada “Seção de Goma” se estende em continuação à parte ou à seção dos bolos, ou “Feira de Bolos”. É composta de doze bancos - o dia em que são montados é variado e há vendedores que trabalham na agricultura e não montam os bancos todos os dias. A “goma” é a massa retirada da mandioca ralada e peneirada nas casas de farinha ou na



cozinha doméstica mesmo, se for pequena a quantidade. É lavada diversas vezes e posta para “descansar” ou “apurar” - antes de ser vendida - e entregue diretamente nas barracas. É trazida de vários locais, como do Estado de Alagoas, da cidade de Lajedo/PE e dos sítios da própria Caruaru. A goma vem destes lugares, e na própria Feira ela sofre a última lavagem, é posta para “descansar” e só depois é vendida.

A goma ganha diferentes formas de tratamento, de acordo com a sua finalidade, ou seja: depende de se ela é destinada para tapioca, papa, cuscuz, bolo, beiju, farinha de araruta... Outro fator determinante para o estado da goma é o tempo de consumo: a prática local é a de vendê-la em estado petrificado - “em pedra”, costuma dizer o povo - para um consumo de oito a quinze dias; ou então, ela é peneirada até transformar-se em pó, sendo então vendida para o consumo imediato. Perto desta seção, há outra parte onde é colocada à venda a tapioca já pronta. Vale destacar que os vendedores desta seção a consideram parte da Feira de Caruaru, como um todo. O público envolvido é composto por pessoas da região e turistas. A importância para a vida local é econômica e cultural, por manter esta tradição da culinária pernambucana e de todo Nordeste açucareiro, originada nas cozinhas dos engenhos de açúcar da época colonial, quando se amalgamaram elementos indígenas - a mandioca e determinadas ervas - a utilização do coco pelos africanos e as formas de cozimento, de torrar e de assar, trazidas pelos portugueses. Daí que esta feira é digna de registro porque auxilia a manter e a divulgar para todo o país e o Exterior nossa doçaria

típica e popular: como vimos, muitos desses bolos são provenientes de nossas cozinhas coloniais, das casas-grandes e dos sobrados, onde se mesclaram elementos da culinária ibérica e africana, com a utilização de produtos da cozinha indígena da região.

4.12. Feira das Ferragens

Esta Feira conserva um sentido cultural específico proveniente de práticas e comportamentos particulares diretamente vinculados às atividades de fabricação em oficinas localizadas no próprio espaço da feira, de compra e venda dos produtos confeccionados de “flandres”, como é conhecida pelo povo, ainda, as chapas de materiais ferruginosos, de zinco, de latão, de ligas de alumínio, utilizadas na produção de artigos utilitários, ornamentais e brinquedos. Por esta razão, esta feira deve ser considerada um Lugar, achamos, porque preme de significados ligados às antigas oficinas de utensílios domésticos, feitos de “folhas de flandres”, cujas fábricas atuais, mantidas entre as barracas de compra e venda, mantêm uma certa continuidade na construção semi-artesanal daqueles produtos. Também, ela se situa no grande conjunto da Feira de Caruaru.

Esta feira se mantém em plena atividade. Está localizada próxima à Feira do Artesanato. Possui em média trinta e cinco barracas, abertas de segunda a sábado, tendo a sua movimentação mais intensa no período matutino do sábado e nas terças-feiras, por motivo



da Feira da Sulanca. Os produtos vendidos no local variam de utensílios domésticos, produzidos lá mesmo, tais como: panelas, pratos, vassouras, baldes, cordas, talheres, escorredores, churrasqueiras, cantoneiras, leiteiras, candeeiros, funis, entre outros. Dezenas desses artigos - por exemplo, a churrasqueira, com a parte redonda feita com roda de carro - são fabricados com o reaproveitamento de peças usadas de outros produtos industrializados.

Esta criatividade presente na atividade de criação e fabrico, nesta como em outras Feiras, constitui um destaque para o registro, por conta da permanência de hábitos artesanais de reutilização de materiais já sucateados, costume que vem na contramão da sociedade do descartável, dos bens materiais constantemente renovados, exigência do consumismo contemporâneo.

As barracas desta Feira dividem funções: algumas delas destinam-se à venda de produtos; outras, para o fabrico deles. Outra função dada a este espaço é a de depósito, tanto de produtos vendidos nesta Feira quanto em outras, especialmente a da Sulanca. É importante conferir neste caso mais um comportamento ditado pela rede de sociabilidades

que se desenvolve na Feira, no ceder os espaços para outras atividades, fruto de um costume instalado de ajuda mútua. Um outro dado interessante para o registro, é a vizinhança entre a “fábrica”, ou a oficina de criação dos produtos, e a barraca de venda: ressurgência da antiga instituição da proximidade entre o centro produtor e o comerciante, ambos compartilhando o mesmo prédio.

Muitas barracas têm os seus espaços ampliados devido à conjugação com outras barracas. A estrutura física das barracas é em madeira e ferro, tendo um caráter mais permanente, pois não são desmontadas. Os proprietários pagam uma taxa semanal à Prefeitura pelo espaço utilizado, além de um alvará anual e a segurança, feita por um funcionário particular.

É importante a garantia de renda para os comerciantes, por conta da procura, por turistas e pequenos compradores, destes produtos que são específicos da Região Nordeste, mantendo assim viva esta tradição local. Inclusive, vários destes produtos - como os pequenos *candeeiros* (lâmpadas feitas com mexas de algodão, dentro de um pequeno vasilhame cheio de gás) - são comercializados tanto como utilitários como ornamentais, dependendo da condição socioeconômica e cultural dos compradores.

4.13. Feira de Artigos de Cama, Mesa e Banho

Assim que os compradores e visitantes deixam o carro próprio no grande estacionamento próximo à Feira do Artesanato, ou se apeiam dos táxis ou ônibus no início do parque 18 de Maio, se deparam com uma rede de boxes, que mais parecem pequenas lojas, nas quais se podem ver montes de redes e mantas “de Tacaratu”, cidade pernambucana, também situada no Agreste, famosa por suas mantas multicoloridas e suas redes de dormir. Além desses produtos, nesta série de lojinhas podem se ver expostas bonitas toalhas de banho e rosto, toalhas e corredores de mesa, além de objetos de artesanato artístico e utilitário: materiais para cozinha, quebra-luzes, porta-garrafas, porta-fósforos, porta-talheres, ocasionando festa para os olhos e aflição para os bolsos...

Esta é a pequena porém bela e bem-arrumada Feira de Artigos de Cama, Mesa e Banho, um misto de Feira de Artesanato - de cuja vizinhança ela se beneficia comercialmente - e Feira de Confecções Permanentes. Estes boxes rivalizam com as lojas situadas na rua fronteira à entrada do Parque, que vendem quase os mesmos produtos, com exceção da miscelânea de artigos de artesanato, também em exposição nesta Feira.

Ela é de dimensões pequenas, mas muito procurada, como pudemos constatar, pela exclusividade que mantém em vender as famosas redes e mantas de Tacaratu; estas, muito úteis para os invernos amenos das regiões baixas do Nordeste, além de fazerem a festa de qualquer quarto de dormir, pelo colorido e criatividade de suas cores.

4.14. Feira do Fumo

Esta Feira é vizinha à Feira de Ervas; é composta por oito barracas, em sua maioria administradas por senhores idosos, estes também consumidores do fumo. Nas barracas, vende-se o fumo oriundo de cidades próximas a Caruaru, a seda, isqueiros e fósforos. O produto é vendido tanto na forma de cigarro, enrolado ou “embolado na hora” - expressão também usada por compradores idosos - como na de “rolo de fumo”.

O processo de fabricação deste produto é simples: planta-se o tabaco; este, depois de colhido, é deixado a secar; em seguida, é molhado e enrolado em forma de corda para ser comercializado. Para o consumo, basta cortar a quantidade desejada e enrolar no papel destinado a este fim. O público que se envolve nesta Feira é formado por usuários do fumo, donos das barracas, compradores e fornecedores deste bem. A sua importância cultural maior é a de manter uma prática de lazer bem viva, sobretudo entre homens adultos, além de reproduzir o fabrico artesanal do *cigarro de fumo*; muito importante, também, o fato cultural de servir como ponto de encontro dos usuários do produto, favorecendo a sociabilidade entre estes consumidores, prevalentemente idosos, dispostos a manterem a tradição do *fumo em corda* ou *em rolo*. Foi observado raramente, nesta feira, o uso de colocar o fumo no cachimbo e usá-lo deste modo. Predomina o consumo sob a forma de cigarro. Pelo fato da permanência destes antigos modos de fazer e das redes de sociabilidade que desperta, nas barracas onde se fuma e se conversa para “matar o tempo”, inserimos esta feira no objeto de registro, como Lugar significativo dessas práticas socioculturais.

Dada a continuidade da aquisição do produto em pedaços tirados dos *rolos* e do uso em comprá-lo e lavar para casa, no ambiente doméstico ou em rodas de conversa na porta das residências, nos sítios ou nos bairros populares de Caruaru e cidades vizinhas, o fumo ali comprado possa funcionar ainda como espaço de lazer e de sociabilidade masculina, nas “conversas jogadas fora”, entre amigos e conhecidos. Também por essa característica de ensinar a manutenção destas formas de lazer masculino, esta feira merece ser inserida no registro de Lugar.

4.15. Feira Permanente dos Importados

Esta feira é vizinha da Feira de Couros e composta de vinte barracas, em média. A diferença desta em relação à Feira do “Paraguai” é sua permanência fixa neste local e no tempo, pois, funciona de segunda a sábado e não apenas na terça, como a descrita acima. No entanto, esta Feira geralmente comercia os mesmos tipos de produtos, tais como brinquedos de plástico, rádios de pilhas, televisores, vídeo games, bonecos, perfumes, relógios, flores e plantas artificiais e desidratadas, eletroeletrônicos, eletrodomésticos, etc.

Tais produtos, em sua maioria, vêm - ou vinham - do Paraguai; os donos dessas barracas ou são vendedores lotados na Feira do Paraguai e possuem barracas neste espaço, ou são comerciantes que adquirem os produtos naquela. Já foi descrita a origem destes produtos, bem como a situação atual dos preços e as alternativas de compra em São Paulo.

Diante da ilegalidade de algumas atividades que cercam esta feira, também decidimos não a colocar como objeto de registro - pelo menos agora - embora a informalidade que aqui se encontra pode ser analisada em seus aspectos positivos: o de uma relação mais estreita e menos formal entre patrões e trabalhadores e entre vendedores e compradores, como a prática do regatear os preços dos produtos.

4.16. Duas Edificações na Feira

É importante terminar esta listagem com a descrição de duas edificações, transcritas nas respectivas fichas de identificação, mas que são bens plenamente integrados ao conjunto das feiras, visto que pertencem ao e estão localizadas no espaço próprio das mesmas, e ligados à Feira de Caruaru como um todo. Além disso, constituem locais de compra e venda de produtos alimentícios de primeira necessidade, que necessitam de uma maior cobertura física. Refiro-me ao Mercado da Farinha e ao Mercado de Carnes.

Mercado da Farinha

O bem é considerado lugar integrado, como já foi dito, e associado à Feira de Caruaru por estar incluído na mesma, como parte da Feira Livre. O Mercado da Farinha é uma feira aberta de segunda a sábado, sendo que, neste dia, o atendimento se inicia às três horas da manhã e nos outros, às seis horas. O local é dividido por vinte comerciantes em média,



que vendem farinha de mandioca, feijão carioca, feijão mulatinho, arroz, milho, entre outros; alguns vendem produtos industrializados como óleo, margarina, etc. A produção que abastece o local tem origem diversa: o feijão, por exemplo, vem do Sertão de Pernambuco ou da Bahia e a farinha, do município de Lajedo/ PE, além de casas de farinha do município de Caruaru. O comércio local funciona tanto no atacado, abastecendo os pequenos mercados da região, quanto no varejo, atendendo ao

público em geral. O mercado é importante para a economia local de escoamento de produtos da região, alguns permanentes na mesa dos nordestinos em geral, como a farinha de mandioca, diversos tipos de feijão e o milho, o qual, tratado em casa, pode ser transformado em xerém ou utilizado em grãos, com os quais se fazem diversos tipos de

comida, como o *munguzá*, de influência africana, nascido nas senzalas, o angu *aguado* e o doce, os bolos de milho, etc. Sob este aspecto de colocar à venda produtos básicos típicos da culinária nordestina, o mercado tem um peso cultural significativo, inclusive por estar integrado à Feira como um todo, como um Lugar também prenhe de significados.

Mercado de Carnes

Este abriga um sentido cultural específico: o de vender a carne bovina que provém dos matadouros próximos à Feira do Gado e outras carnes. Localiza-se próximo à Feira de Flores. Internamente, tem-se uma divisão que não é muito rígida nem com limites



precisos: logo na entrada, são vendidas as carnes em geral, como carne de boi, de porco, entre outros; no meio do Mercado, vendem-se basicamente galinhas abatidas; e, nos últimos boxes, são vendidos os chamados “miúdos” (nome que se dá, em Pernambuco e outros Estados do Nordeste, às partes comestíveis das vísceras dos animais). Este é geralmente o local aonde os moradores de Caruaru vêm para comprar carne, mas apesar disso, algumas pessoas que aí trabalham

reclamam do pouco movimento. Além das carnes, há também pessoas vendendo panos de prato e sacolas de feira. A visão quanto ao mercado é dividida: alguns acham que o mercado é bom, outros reclamam da administração e do fraco movimento.

V. O OBJETO DO REGISTRO

Após termos traçado os elementos principais componentes de cada feira que constituem a Grande Feira de Caruaru, vamos discriminar, por ordem numérica, o que para nós deve constituir o **Objeto do Registro**, baseados no Levantamento Preliminar e no Inventário:

5.1. A Feira enquanto Lugar

O conceito de lugar começou a ser construído na Antropologia nos estudos sobre religião. Inspirando-se na noção de “sagrado” e “profano” que, para Émile Durkheim, representava a distinção formal entre espaço, ritual, local religioso e não-religioso. Cientistas sociais, como Mircea Eliade, trabalharam intensivamente as questões referentes ao “lugar sagrado” e sua oposição ao “lugar profano”. Aquele constitui o “centro do mundo”, a morada dos ancestrais fundadores da tribo, do clã, geralmente divinizados, a referência simbólica dos mitos de origem; este, o local onde acontece a vida cotidiana, o trabalho, a luta pela sobrevivência; ou então o espaço fora do território do povo, repleto de perigos, devendo ser evitada, por isso, toda circulação por ele.

Um pouco da conotação do “lugar sagrado” passou para a noção contemporânea de lugar, trabalhada por alguns antropólogos, sobretudo franceses, que estudam as sociedades modernas, como Michel De Certeau e Marc Augé. Para eles - com algumas variações quanto às terminologias empregadas - *Lugar* é o espaço que se constrói culturalmente a partir dos significados que este possui para a sociedade estudada. Lugares são, portanto, os espaços geográficos que conferem sentido; que possuem um **valor agregado simbólico**, por fatores ligados à história da sociedade, às suas origens, à sua formação, que lhe são anexos. É o território, a casa, a cidade onde se nasceu, cresceu, se amou, enfim, onde se vivenciaram experiências marcantes, cultivadas na memória. Por isto, os lugares são como que extensões da *alma*; são carregados de sentimentos de pertença (“este chão é nosso!”, “aqui é o meu lugar!”).

Muitas cidades do Oriente e do Ocidente se originaram de feiras, de mercados. Quanto a isso, do ponto de vista econômico, a Feira de Caruaru não se distinguiria de outras. Nem também pelo seu gigantismo, porque existem muitos mercados e feiras de grande tamanho em muitas cidades.

No entanto, a Feira se tornou um *Lugar*, um *lócus* de encontros culturais significativos, a expressão maior da vida da cidade, do município e de toda a região circunvizinha. Isto porque, ao mesmo tempo, a Feira foi se tornando um centro de irradiação e de convergência da cultura local: como vimos acima, cordelistas, músicos tocadores de pífano, artesãos do barro, da madeira, das ferragens e de outros materiais para ali acorreram, a descobriram e, em seguida, a marcaram como o espaço ideal para venderem seus produtos, mostrarem sua arte. A Feira tornou-se, pouco a pouco, um grande cenário aonde os criadores populares vieram mostrar sua criatividade artística e seus produtos,

divulgá-los, vendê-los e, da Feira, se irradiaram para o Brasil e para o Exterior. A Feira se fez Lugar de convergência e de irradiação, portanto. De pólo comercial importante, a Feira tornou-se um pólo de preservação da identidade e de resistência culturais.

5.2. A Antiguidade Histórica da Feira

A Feira do Gado nasceu informalmente no final do século XVII, num local determinado, num cruzamento e parada de tropeiros e vaqueiros, levando as manadas de bovinos para o sertão e trazendo quantidades de animais para o Litoral, para o corte ou a engorda. O local transformou-se em lugar, pouco a pouco, a partir das trocas comerciais que envolviam contatos culturais. O lugar foi adquirindo sentido para aqueles grupos de pessoas, no início pouco diferenciados - tropeiros, boiadeiros, proprietários de terras, posteriormente se diversificando cada vez mais, com a presença de outros segmentos



ocupacionais - até surgir o processo do povoamento, da fixação no território, o que exigiu a construção da capela, em cujo redor a vida social começou a acontecer. Criou-se o Lugar, porque o local produzia sentido para a comunidade que nele habitava: ali se ganhava a vida, se relacionava, festejava, rezava, vivenciava os ritos de passagem: nascimentos, batizados, casamentos... e os ritos funerários: velórios, sepultamentos, sufrágios.

Ao crescer no imaginário da população como um Lugar, a Feira e a povoação a que deu origem também passaram a conferir sentido à rede de relações que se desenvolveu; assim, o aglomerado de casas, e a Feira foi-se tornando um lugar de expressão, de difusão e de reprodução de uma identidade cultural específica, paralelamente ao crescimento de sua importância econômica. A Feira cresceu, e com ela a cidade, numa relação de reciprocidade inquebrantável desde então, resultado do sentido que a população lhe conferiu. Ao mesmo tempo, o Lugar ocasionou e motivou o desenvolvimento da vida cultural, com as oportunidades criadas e o cenário propício.

5.3. A Feira - Lugar Originante e Estruturante de Relações Socioculturais

Não são os patrimônios vivos: artesãos, raizeiros e médicos populares; não é a conjunção da medicina popular com a religião; não são as Localidades em que se dividiu o espaço a ser inventariado: o Alto do Moura e o Perímetro Urbano, mas sim **a relação de todos eles e de tudo isso com a Feira**, que deve ser objeto de registro: seja a permanência de

elementos de nossa cultura tradicional, que o tempo não apagou; seja a continuidade expressa em muitas ocasiões, em conservar a memória viva de práticas socioeconômicas e culturais que fazem parte de nossa formação como povo e como sociedade; sejam as redes de sociabilidade ensejadas por estas práticas, *vivenciadas na Feira e a partir da Feira*. Este conjunto fantástico de práticas, demonstradas na descrição de cada feira, constitui também Objeto do Registro, que passarei a destacar agora:

A Feira do Artesanato - Lugar de Espelho da Identidade Nordestina

Elegemos também, como importantíssima, como **Objeto do Registro**, a Feira do Artesanato, que retrata claramente a relação entre a Feira de Caruaru em sua totalidade simbólica e a produção artesanal do município e da região do Agreste Pernambucano. Até



a década de 1940, o percurso era do Alto do Moura para a Feira: os artesãos reconheciam nela o *lócus*, o **Lugar** para a comercialização de suas criações, que retratavam o seu mundo, seu universo de representações, ancorado na realidade em que viviam. Mesmo com a situação inversa, a relação continua: a Feira *convoca*, por assim dizer, para o Alto do Moura; remete para ele.

A continuação da atividade por parte de gerações sucessivas de artesãos residentes no Alto do Moura, envolvendo inclusive as crianças, demonstra a força da fidelidade à tradição familiar, a reprodução da atividade artística na linha geracional familiar. As condições difíceis, a própria miséria que rondava a existência dos artesãos e suas famílias, não desestimulou nem o aprendizado nem a paixão pela arte.

Mas esta Feira não é só o artesanato: é também o Museu do Cordel com tudo que o envolve: a exposição e a comercialização desta criação artística, tão característica do povo nordestino, as fotos do seu fundador, o mestre Olegário e de outros cordelistas; a exposição de uma antiga prensa de impressão, além da riquíssima exposição de cordéis antigos e mais recentes. Tudo isto remete a incluir o **Museu do Cordel** dentro do registro da Feira do Artesanato.

Feira de Artigos de Cama, Mesa e Banho - Misto entre o Artesanato e as Confecções

Por sua proximidade com a Feira de Artesanato, ela também retrata a relação entre a Feira de Caruaru em sua totalidade simbólica e a produção artesanal tanto de Caruaru quanto das regiões próximas. Ela abre um leque para a comercialização de produtos típicos da terra e produtos semimanufaturados (redes e mantas próprias de Tacaratu), além do artesanato utilitário da região. Apesar da ligação direta (até no sentido físico) com as duas feiras (Feira de Artesanato e Feira Permanente de Confecções Populares),

apresenta um caráter singular e próprio. Dado o exposto, acreditamos que esta feira merece o registro de Lugar.

Feira Permanente de Confeções Populares - Preservação, Reinvenção e Reaproveitamento

Origem da Feira da Sulanca, primeira instância de escoamento do pólo de confeções populares de Pernambuco, que se iniciou em Caruaru, dali se espalhando para Santa Cruz, Toritama e outros centros menores. Temos nessa Feira uma contribuição cultural à Feira de Caruaru, visto que ela constitui a preservação permanente da criatividade com que se fazia de retalhos vindos de São Paulo e de grandes fábricas do Recife vestimentas masculinas e femininas, simples, mal acabadas umas, bem feitas outras, as tentativas de costureiras e costureiros de se superarem, melhorando o padrão com técnicas artesanais de reprodução dos modelos da moda, para homens e para mulheres, organizando-se em mini-empresas domésticas, quase sempre familiares, como a produção do artesanato. Esta arte de se tirar do material precário a produção de peças razoavelmente boas de se vestir; o reaproveitamento do que constituiu sobra, é uma contribuição cultural à Feira de Caruaru em sua totalidade, e como tal justificada para **objeto de registro**.



A Feira do Gado - “tudo começou com ela...”

Esta foi a pioneira. A feira primeira, anterior mesmo ao início do povoamento. Memória indelével do Ciclo do Gado, um dos principais responsáveis pela colonização do interior do país, juntamente com as Entradas e Bandeiras. A antiguidade desta feira, seu grande êxito comercial aliado à extensão territorial que ela ocupa, especialmente na época do “boi gordo” - como já foi destacado acima -, além da quantidade de relações socioculturais que ela desencadeia todas as semanas: no setor do lazer, no das negociações de compra e venda, das trocas de conhecimentos entre criadores das espécies de animais ali negociados, os compradores e revendedores e os órgãos estatais encarregados da supervisão sanitária, tudo isso torna esta feira **digna do registro**.



Temos, pois, uma *imensa circulação oral de saberes*, baseados em conhecimentos adquiridos na experiência e nos livros, e que se transmitem de forma predominantemente informal.

A Feira do Couro (calçados, chapéus, bolsas, coletes, etc., feitos deste material) - Memória quase museológica do Ciclo do Gado.

Do boi tirou-se o couro; do couro fizeram-se calçados, gibões, chapéus, bolsas, alforjes, coletes, e outros artigos utilitários e ornamentais. Os artigos de couro, juntamente com a carne e os ossos do gado bovino, marcam a milenar ligação dos seres humanos com este animal. Na formação do povo brasileiro, não foi diferente: trazidos por portugueses e espanhóis desde o século XVII, o gado tomou conta do interior da colônia, favoreceu a penetração nas terras, conquistou espaços aos indígenas, numa luta inglória, muitas vezes, para os conquistadores, mas que teve também seu lado não-violento: as trocas culturais que se tornaram recorrentes entre brancos pobres - migrantes uns, foragidos e fugitivos da justiça outros - indígenas destribalizados, tornados peões nas fazendas, e negros fugidos, aquilombados ou não, e mestiços. Em consequência disso, o caldeamento cultural que se formou nos sertões do país foi de uma consistência tal, que a socióloga Maria Isaura



Pereira de Queiroz afirmou, em conferência, que o interior do Brasil já possuía uma cultura própria, no século XVIII, bem diversa da européia-ibérica, denominada pela autora “cultura rústica”.

Pois bem, esta cultura se desenvolveu, modernizou-se em muitos aspectos, se manteve em suas estruturas básicas, apesar de sempre modificadas em aspectos acidentais e/ou ornamentais.

A Feira do Couro e de Calçados, juntamente com a Feira do Artesanato, guardam esta memória ligada ao boi do homem nordestino, através dos artefatos construídos com as diversas partes do animal: memória forjada nas histórias, nos usos, costumes, no clima, no meio ambiente específico do Agreste e Sertão, na experiência adquirida e sempre reinventada. Razões que recomendam fortemente a indicação para o **Registro desta Feira**.

A Feira de Raízes e Ervas Medicinais - perpetuação e transmissão de conhecimentos tradicionais, enquanto Lugar de Cura

As reminiscências do compositor Onildo Almeida ligadas às *meisinhas* demonstram o referenciamento dos feirantes e compradores pobres da região para com os médicos populares que receitam e vendem os remédios fitoterápicos e raizeiros na Feira. Esta se apresenta, portanto, no conjunto de sua imagística, como um *lugar para curar*, verdadeiro



lôcus de medicina complementar e, não raro, quase única instância de busca de cura, competindo apenas com as promessas e votos para os santos e demais entidades curadoras.

A Feira do Fumo - Manutenção de Modos de Fazer Tradicionais e Lugar de Sociabilidade Específica

É importante a inclusão de inúmeras práticas permanentes de sociabilidade, detectadas pela observação dos pesquisadores - como no caso da Feira do Fumo -, verdadeiras permanências de costumes que o senso comum acredita encerrados pelos hábitos atuais de consumo e lazer e que, no entanto, ao olhar perscrutador da pesquisa, se revelam vigentes e fortes. Tal é o tipo de sociabilidade, sobretudo masculina, que detectamos nesta feira. A permanência do modo de se preparar o tabaco e de se “enrolar o fumo” em cigarros feitos na hora, enquanto se atualizam os *causos* e se joga conversa fora, traduz usos e costumes que a evolução industrial não deixou para trás; continuam vivos na memória e nas práticas socioculturais. São, portanto, **Objetos de Registro**.



Feira das Flores e Plantas Ornamentais - Reprodução familiar dos saberes

Esta Feira é um exemplo dos mais eloqüentes que identificamos do caráter familiar de certos tipos de comércio, no sentido de que ele é exercido por um grupo que possui laços familiares próximos entre si, e que passam para seus descendentes, ressaltando o espírito de cooperação mútua e a construção de redes de sociabilidade intrafamiliares. É o caso também da Feira das Ervas Medicinais.

A Feira das Ferragens - A criatividade popular na produção de bens utilitários - A Memória das antigas “Folhas de Flandres”

Como foi descrito no item anterior, as barracas desta Feira dividem funções: umas destinam-se à venda de produtos, outras, constituem as pequenas fábricas; outra função dada a este espaço é a de depósito, tanto de produtos vendidos nesta Feira quanto em outras, especialmente a da Sulanca. É importante conferir neste caso mais um comportamento ditado pela rede de sociabilidades que se desenvolve na Feira, no ceder

os espaços para outras atividades, fruto de um costume instalado de ajuda mútua: a sociabilidade ligada à solidariedade entre iguais.



Outro ponto digno de Registro é o conjunto de dezenas de artigos - por exemplo, a churrasqueira, com a parte redonda feita com rodas usadas de carro - fabricados com o reaproveitamento de peças usadas de produtos industrializados. A criatividade presente na atividade de criação e fabrico, encontrada na Feira de Caruaru, constitui um destaque para o registro, por conta da permanência de hábitos artesanais de reutilização de materiais já sucateados, costume que vem na contramão da sociedade do consumismo e do descartável.

Um outro dado interessante para o Registro, é a vizinhança entre a “fábrica”, ou a oficina de criação dos produtos, e a barraca de venda: ressurgência da antiga instituição da proximidade entre o centro produtor e o comerciante, ambos compartilhando o mesmo prédio,

num sistema econômico artesanal, no qual o comprador influencia diretamente na criação do produto por ele encomendado.

A Feira do Troca-Troca - Reprodução Atual da Instituição do Escambo

É muito importante que, sempre que surja a ocasião propícia, se conserve e se preserve a memória de práticas socioeconômicas e culturais que constituíram elementos



identificadores de nossa cultura, no passado, e que se reproduzem, de algum modo, no presente.

É o que acontece com esta feira. Reproduz ela a antiga instituição do escambo, ou troca de bens utilitários, pela carência de circulação de moeda no interior do Brasil colônia: trocavam-se gêneros alimentícios com artigos de vestuário, de cama, mesa e banho; trocavam-se animais, móveis; enfim, trocava-se tudo o que parecia ser necessário para a vida cotidiana.

Esta Feira, embora com as ambigüidades de que se reveste, é de importância fundamental no sentido de contribuir para o entendimento das práticas sociais que forjaram nossa identidade cultural. A manutenção dela indica várias coisas: primeira, que a memória deste costume não se apagou; permanece a instituição da *troca*

ou do *rolo*, como também se chama, sobretudo a masculina; segunda, é que a manutenção deste uso entre a população pobre, principalmente, indica a validade permanente desta

estratégia de sobrevivência; terceira - e ressalto esta característica - esta prática é extremamente propiciadora como fonte de sociabilidades e de conhecimentos, na área das tecnologias, por exemplo, como fonte de circulação de informações sobre marcas de eletrodomésticos e outros bens.

Assim, muito da tradição, muito dos costumes centenários permanecem, se perpetuam e se renovam, na grande Feira, que “tem de tudo que há no mundo”... Por isso, reforçamos o **pedido de Registro também para esta Feira.**

Feira dos Bolos, Seção de *Goma* e Doces - Guarda e Reprodução da Culinária que provém da Casa-Grande, da Senzala e das Fazendas de Gado

É neste sentido que defendemos o registro desta Feira, como parte integrante da memória viva ligada à nossa formação como povo, presente na doçaria própria de alguns estados do



Nordeste nos quais se desenvolveu e prosperou o Ciclo do Açúcar, com as instituições a este anexas. O mesmo dizemos do Ciclo do Gado que atingiu o interior do país, inclusive todos os estados de nossa Região, o qual propiciou que tropeiros e vaqueiros desenvolvessem formas próprias de escolher o cardápio e de preparar suas refeições em pleno campo - utilizando a carne seca, a *carne de sol*, o *feijão verde*, a farinha de mandioca, no preparo dos grossos

beijus e das *tapiocas*, mais leves de se deglutir, além da utilização do milho, farto nos sertões, quando em tempo de chuva. Estas formas, por sua vez, influenciaram na culinária das fazendas e, a partir destas, na das cidades e vilas agrestinas e sertanejas.

Temos aqui, portanto, muitos motivos para incluir esta feira no **Registro**.

Feira das Frutas e Verduras - Transmissão Geracional de Saberes e de Estratégias de Sobrevivência

Quando a moça entrevistada no vídeo da Feira afirma que aprendeu com sua mãe a escolher as diferentes frutas, a identificar as que estão em ótimo estado, boas para comer, sinaliza um aspecto da transmissão oral de conhecimentos através das redes de relações familiares, que se beneficiam, por sua vez, da comunicação entre vizinhos. É um tipo de difusão informal de saberes acumulados, ancorada em relações de parentesco, de proximidade e de vizinhança.

A observação desta Feira mostrou, igualmente, a ocorrência de estratégias de sobrevivência bem vivas nas práticas socioculturais do povo que dela se serve. Descrevi acima a acorrida de chefes de famílias de menos recursos que vêm às compras de gêneros alimentícios no final da tarde, aproveitando a baixa geral dos preços, em vista do

adiantado da hora e, sobretudo, porque se tratam de sobras de alimentos, desgastados pelo calor e pelo manuseio dos compradores que vieram nas primeiras horas da manhã, como é o costume geral.



Esta prática de índole socioeconômica e cultural só pode ter continuidade - e tem de fato, pudemos conferir isto - nas feiras livres.

Da parte dos vendedores, há também o costume de arranjar frutas e verduras em *kits* dentro de sacos plásticos, com preços bastante reduzidos, à tarde, à espera desta clientela certa. Além do alcance social desta prática, notamos a convergência de interesses entre os que compram e os que

vendem: da parte destes, trata-se, igualmente, de um tipo de estratégia de sobrevivência, que desperta a criatividade nos modos de oferecer seus produtos, a fim de não retornar com eles para casa, arriscando-se a perder uma parte do investimento.

Claro que estas práticas acontecem em todas as feiras livres. Mas é preciso que se registrem pelo menos num lugar específico onde ocorrem, para que não se perca a memória de estratégias de sobrevivência deste tipo, enquanto ainda temos a possibilidade de observá-las e identificá-las.

Por estas razões, **indicamos esta Feira também para o Registro.**

Mercado da Farinha - Reprodução deste Produto original das Américas e do tipo de comercialização específico | Mercado de Carnes - Espaço Marcante para a Feira do Gado

As razões que demos na descrição feita destes mercados servem como pano de fundo para recomendar o **Registro** destes tipos de comercialização que está diretamente associada a um vínculo de parentesco e de amizade entre os feirantes. Quando tratamos do Mercado de Farinha, está em jogo, aqui, o produto, originário desta parte da América, amplamente utilizado pelos indígenas, aprendido e utilizado pelos conquistadores e incorporado em nossas cozinhas coloniais, imperiais e republicanas - já foi salientado acima, ostentando diferenças no emprego culinário e nos modos de fazer, na extensão do território nacional. A ligação dos mercados de farinha com as *casas de farinha* também justifica a oportunidade que se tem de **incluir no Registro** da Feira de Caruaru, este tipo de comercialização, com o cenário específico e as redes de relações de oferta, compra e venda de que se reveste.

Quanto ao Mercado de Carnes o bem também pode ser considerado um bem integrado à Feira de Caruaru por estar incluído como parte da feira livre, além da direta relação entre este mercado e a Feira do Gado. Também é importante salientar que ambos os mercados

foram construídos, quando da transferência da Feira em 1992, para suprir a necessidade de alocar a venda desses produtos que estão diretamente ligados à história da Feira de Caruaru.

5.4. Justificativas

Início este item destacando trechos de alguns testemunhos de pernambucanos ilustres, celebrizados por serviços prestados a nosso Estado em diversos campos de atividade; todos unânimes em justificar, desejar e torcer para que a Feira de Caruaru seja concedida o título de Patrimônio Cultural Brasileiro Imaterial.

Do Senador Marco Maciel, ex Vice-Presidente da República, tomamos o seguinte depoimento:

“A feira de Caruaru, se forte na vertente econômica, é única como espetáculo multicolorido da cultura diversificada do estado de Pernambuco... sobretudo porque naquele espaço a riqueza cultural de nosso Estado encontra bem fincadas as raízes da pernambucanidade.”

“Além da feira, Caruaru tem um celeiro de filhos ilustres ... Dentre alguns podemos citar: Austregésilo de Athayde e Álvaro Lins, ambos escritores e imortais da Academia Brasileira de Letras; o cantor Azulão; Luiz Jacinto Silva (o Coronel Ludugero), humorista; os irmãos José Conde e João Conde, ambos escritores; Heleno dos Oito Baixos, compositor e sanfoneiro; Israel Filho, cantor, foi o primeiro pernambucano a conquistar o “Prêmio Sharp da Música Popular Brasileira”; Nelson Barbalho, historiador; Onildo de Almeida, compositor e autor da música “A Feira de Caruaru”; Sebastião Alves Cordeiro Filho (SEBÁ) teatrólogo; Petrúcio Amorim, compositor; Vitalino, maior ceramista de Caruaru; Olegário Fernandes da Silva (o Velho Olegário), autor de cordel; Maria Luíza Maciel, pintora; Manuel Galdino, ceramista e poeta; Vital Santos, teatrólogo.”

Do depoimento do então Governador licenciado de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos, escolhemos o seguinte trecho:

“Nestes espaços democráticos (refere-se o Governador às feiras livres interioranas), que remontam à época da nossa colonização, comerciantes e fregueses se reúnem para realizar uma verdadeira cerimônia cultural. As feiras sempre significaram bem mais do que um local para realização da compra e venda de mercadorias.(...) Por sua localização geográfica, numa encruzilhada entre os diversos Estados do Nordeste Brasileiro, Caruaru sempre foi um ponto estratégico no ir e vir dos nordestinos pelos sertões. Essa característica transformou sua feira num espaço único - de influência não apenas de Pernambuco, mas em toda a Região, tornando-se conhecida de Norte a Sul do nosso País. (...) Sua expansão, no entanto, não abalou as tradições (...) Agradeço a oportunidade de colaborar com tão expressiva designação que, sem dúvida, honrará todos os pernambucanos.”

Apresento agora a íntegra do corpo da carta dirigida à 5ª SR do IPHAN pelo Sr. Marcos Vinicius Vilaça, atual Presidente da Academia Brasileira de Letras:

“Aplaudo o IPHAN, 5ª SR, pela iniciativa de propor a Feira de Caruaru para registro no Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. E tenho razões para isto. De uma parte, por ter participado do instante seminal de concepção dessa institucionalização na política cultural do Brasil e por integrar o Conselho do IPHAN. Ambas as condições me fazem conhecedor do tema. De outro lado, pelo

evidente conhecimento desse bem cultural, que é espécie de espetáculo sociológico, etnográfico, antropológico, com repercussões na história econômica nacional, nomeadamente no plano regional nordestino. Na literatura, na música, na pintura, enfim, em múltiplas produções culturais, a Feira de Caruaru é inspiração, fonte de reflexão crítica e base de estudo de ordem sócio-econômica e cultural. Vou além: é indispensável ao fortalecimento da política de identificação e salvaguarda de nossas referências culturais que a Feira de Caruaru seja inscrita no Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro.”

Eis aqui trechos do testemunho do Joaquim Falcão, publicado no jornal “O Globo” em 27/12/92, comentando o decreto que proclamou a Feira Patrimônio Cultural do Município, naquele ano:

“(...) os países distinguem-se uns dos outros não apenas pelo seu físico. Por sua geografia, edifícios ou monumentos. Distinguem-se também pela cabeça. Pela maneira de pensar. Ou melhor, por seus saberes e fazeres.... Os países asseguram suas identidades pelo que eles detêm materialmente, e pelo que produzem espiritualmente. ... E porque se orgulham, os países protegem, divulgam e valorizam seus saberes e fazeres.(...) Alguém visualiza Caruaru sem sua feira? Impossível. Ambos estão visceralmente interligados. Um é outro. Um todo só. Identidade cultural é isto. A feira, enquanto bem imaterial, é um patrimônio popular (...)

Vários motivos fazem da feira este patrimônio da cultura popular. Primeiro, a feira não é um evento. É um processo histórico mais que centenário. (...) Segundo, não é projeto nem política econômica. Ao contrário, é prática econômica espontânea, de sucesso, indispensável para a economia da região. Terceiro, e sobretudo, é uma convergência que estimula, aglutina e massifica os saberes e fazeres individuais. É uma caixa de ressonância da cultura popular local. A criação ali converge e se expande.

A feira é onde o Brasil repercutiu a cerâmica de Vitalino, criou o artesanato de barro, a literatura de cordel, sobretudo de J. Borges, com suas gravuras, os cantadores. Onde se encontra uma culinária típica com carne-de-sol, queijo de coalho, queijo manteiga, tapioca, as indumentárias de couro dos vaqueiros, todas expressões de nossa cultura e de nossa economia popular.

(...) O que o prefeito está “tombando” (...) não é o local físico nem as barracas. ... O que o prefeito está valorizando são estas Expressões culturais. É um processo histórico. É uma feira viva. São os saberes e fazeres do ser Caruaru. Patrimônio da cultura popular do ser Brasil.”

Após este admirável conjunto de justificativas de alguém que lida com projetos e políticas culturais há muito tempo, seleciono agora tópicos do depoimento do ex-ministro da Justiça, ex-deputado federal e atual presidente da Fundação Joaquim Nabuco/ FUNDAJ, Sr. Fernando Soares Lyra. Do seu texto, carregado de memórias e encantamentos, extraio o que segue:

“A Feira de Caruaru foi o meu primeiro alumbramento. Menino ainda, guiado pela mão do meu pai, mergulhei naquele mar de gente que enchia a rua mais comprida e larga da cidade natal. Contemplei, extasiado, um espetáculo que jamais sonhara. Cantorias e gritos cruzavam-se no ar. Pregões de vendedores misturados às sextilhas de violeiros em desafio, repentes de emboladores, narrativas de cordel sobre os feitos de Lampião. Um solitário aboiador entoando, com a mão em concha perto da boca ...

Barracas incontáveis dividiam o espaço em múltiplas fileiras com suas mercadorias que iam do trivial de todas as feiras aos imprevisíveis objetos de flandre, tamboretas, chocalhos, saias de chita, chapéus de couro e feltro, gaiolas, pássaros cantadores. Lembro-me da explosão das cores expostas ao sol do agreste.

(...) Mais adiante, como filho do Prefeito, compreendi a dimensão intermunicipal do evento que atraía moradores das cidades e povoados vizinhos. Meu avô e meu pai contaram-me que a mesma feira também os deslumbrava quando crianças. Na década de 1950, os bonecos de Vitalino saíram daquele chão para as ruas do

... mundo. (...) Hoje, segundo dados oficiais, são mais de 10 mil barracas que atendem, em média, mais de 40 mil pessoas por feira, com um giro de capital superior a 1 milhão de reais. Sua repercussão nacional e internacional é comprovada pela presença contínua de turistas de outros estados e de outros países.

(...) Pedem-me um depoimento sobre a importância da Feira. Posso acrescentar que, tendo percorrido o Brasil inteiro e boa parte do mundo como político militante em meu país, indaguei sempre pelas feiras nos locais visitados e me responderam que eram rotineiras, nada impactantes. Em várias dessas oportunidades mencionei a Feira de Caruaru e ouvi exclamações de respeito ou interesse em conhecê-la.”

Temos aí justificativas muito importantes, porque se referem a experiências radicadas na emoção, numa rede de significados pessoais que perdurou pela vida afora do depoente, a ponto de ele ter exteriorizado a preocupação, em suas viagens nacionais e internacionais, de conhecer e reconhecer algo próximo à Feira de Caruaru nas feiras do Planeta. Como não identificar aqui as reflexões de um Marc Augé, por exemplo, em seu livro: *Lugares e Não-lugares: por uma antropologia da supermodernidade?*

Passo agora a elencar trechos escolhidos do testemunho escrito do Professor Roberto Benjamim, ex-presidente da Comissão Nacional de Folclore e atual presidente da Comissão Pernambucana. Nestes, apresenta este autor sua visão particular da Feira:

“A feira de Caruaru é múltipla, sendo constituída pela feira-do-barro (tanto os bancos dos artistas figurativos como os espaços dos ceramistas que fabricam ‘louça’, isto é, a cerâmica utilitária); feira-de-gelados (sorvetes de raspa com essências de frutas de variados sabores); feira-de-queijos (queijo de prato, de mozzarella, de coalho, de manteiga de gado, queijo de vaca e de cabra); feira de móveis (tamboretes, mesas, camas), feira-de-ervas (para vender para banhos de cheiro e para medicamentos naturais); por falar em cheiro, há também a feira-de-perfumes (óleos essenciais, preservados em banha-de-porco e banha de coco, de grande utilidade para alisar os cabelos); bancos-de-jóias (onde se pode comprar o ouro de padrinho Ciço: trancelins, anéis e brincos); bancos de bacamartes e armas ornamentais; feira-de-cestaria e chapéu-de-palha; e, naturalmente, a feira-de-gado (onde são vendidos e comprados bois, vacas, cavalos, éguas, mulas, jumentos, caprinos e ovinos); feira-de-galinha (para vender galinha, tô-fraco e ‘tereza’, ou seja, peru, que o matuto não chama assim); feira-de-passarinhos (com seu artesanato de gaiolas, além das aves); feira-de-fladileiros (vendendo funilaria, trabalhos em folhas de flandres e sucata de latas); feira-de-farinha (de vender farinha, goma e massa de mandioca); feira-de-bolos (bolos, doces, bolachas soda, brote, canela, sem faltar o caldo-de-cana); feira-de-carne (charque, carne-verde e carne-de-sol); feira-de-temperos (colorau, pimenta-do-reino, cravo, canela e outras especiarias)....

A oferta de produtos na feira segue os calendários dos ciclos naturais e culturais: na semana-santa, brejo e cambinda salgada; no São João, milho verde; em Finados, flores; no Natal, coxão-de-porco e peru. Ao longo do ano, a feira é sempre a mesma e, no entanto, a cada semana é uma feira nova.

(...) Os seus personagens (da feira) são, também, os atores da vida cultural e do lazer popular. Vitalino tocava pífanos e brincava de bumba-meu-boi. Emídio do Ouro era ‘major-chefe’ de bacamarteiros. Feireiros e clientes são, também, músicos populares na sanfona ou na cantoria-de-viola e na venda da literatura de cordel. A velha história do cachorro e da onça pode ser encontrada em folheto-de-cordel, na narrativa dos contadores de histórias que fazem ponto nos bancos de comedoria, na cerâmica popular e na música das bandas-de-pífanos.”

Descrição deliciosa, um quase quadro vivo das atividades do transcorrer da Feira, do seu cotidiano, do muito de nordestinidade que ela mantém e ajuda a preservar, nas suas várias “feiras”, na reprodução dos seus tipos humanos no barro, nas xilogravuras, nos

desenhos sobre discos de vinil, sobre palhas entrançadas e catembas de palmeiras, na produção musical dos ternos de pífano e dos aboios, na culinária, na perfumaria, nas “meisinhas” fabricadas e receitas na Feira das Ervas e Plantas Medicinais...

Transcrevo agora trechos do pronunciamento do Sr. André de Paula, Deputado estadual e líder do Governo do Estado na Assembléia Legislativa de Pernambuco:

“Ocupo a Tribuna esta tarde para registrar um fato que se reveste de grande importância para a cultura brasileira, em particular para a tradição cultural de Pernambuco. (...) a oportuna iniciativa do IPHAN de encaminhar a solicitação de registro da Feira de Caruaru, no Livro de Lugar, como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. (...) Se há algo nesta cidade que, de fato, possa simbolizar esta (sua) diversidade, digo melhor, esta vitalidade cultural, é a Feira de Caruaru. (...) É neste universo aparentemente comum para o nordestino, na mistura do comércio com a arte, que nasce a mais legítima e verdadeira cultura popular nordestina. Não é à toa que a Feira de Caruaru tornou-se um ponto natural de visitação turística para os que vêm a Pernambuco, sejam eles turistas oriundos do próprio país ou do exterior, atraídos pela singularidade e beleza da Feira. (...) o reconhecimento da diversidade cultural dos nossos grupos sociais constitui, de forma indubitável, expressão da cidadania e sustentáculo para o progresso cultural e econômico de nosso país. (...) Este título, ao lado de outros que Caruaru tem colecionado, como o que foi concedido, por exemplo, pela UNESCO ... ao Alto do Moura, considerando o vilarejo a maior centro de artes figurativas das Américas, é um passo definitivo para imortalizar Caruaru e sua feira na memória cultural do nosso país”.

Exponho, em seguida, um parágrafo riquíssimo na sua precisão e detalhes, do depoimento do antropólogo e historiador Frederico Pernambucano de Mello, gentilmente enviado, como os demais, para compor este Dossiê:

“A feira de Caruaru, além de situada, é encruzilhada de caminhos, de classes sociais, do urbano e do rural, do moderno e do arcaico, do litorâneo e do sertanejo, da mesa e da festa, do religioso e do profano, do seráfico com cheiro de incenso e do fescenino mais sem-vergonha. Preenche inteiramente o conceito de feira, na renitência de sua proteção ao espaço gerador de cultura nas vertentes material, expressiva e formal. Sem as muletas da musealização, cumpre que seja preservada pelo Poder Público.”

Por fim, “last but not least”, apresento trechos do artigo “*A Força de uma Feira*”, de autoria de Eduardo Ferreira, escrito no nº. 4 (junho de 2006) da Revista *Algomaís*, publicada no Recife:

“A Feira de Caruaru marca a vida e o modo de ser do caruaruense, ao definir o perfil comercial da cidade e consolidar a característica empreendedora dos seus habitantes. Tudo começou numa fazenda, transformada em feira, ampliada em vila e emancipada como cidade. A feira, com mais de nove quilômetros de extensão, forma, com o forró e o artesanato, o tripé econômico e social caruaruense. (...) A força da feira e a consciência do caruaruense de sua cidade ser uma capital tornaram-se conceitos oficiais, perpetuados no hino do município, composto pelo professor José Florêncio Neto (Machadinho), tornado lei em 17 de maio de 1972. ... Artesãos, compositores, empresários e políticos nutrem os sentimentos expressos no hino, reconhecendo a importância da feira na força do comércio e na formação de empresários arrojados e destacando a importância de Caruaru no cenário estadual, a exemplo de Onildo Almeida, autor de 543 músicas, entre elas a da Feira. (...) ‘Entendo que a feira foi o estopim do processo do setor de confecções’, frisa o empresário (Wamberto Barbosa). Este continua: ‘Este processo não se daria se começasse pela produção. Ele aconteceu porque se iniciou pelo lado comercial’. Wamberto Barbosa, citado ainda por Eduardo Ferreira, continua, afirmando que “O empreendedorismo é uma marca da região. Em alguns segmentos, até a forma encontrada de comercialização é de uma criatividade muito grande, como a Feira

da Sulanca, ao movimentar capital e quantidade inimagináveis de produtos, como constatou, em 2003, o SEBRAE, ao anotar mais de 50 milhões de peças fabricadas por mês na área de influência do Pólo Caruaru”.
 (...) “Para o empresário Cláudio Mendonça ... a pujança de Caruaru apóia-se em três pilares - feira, forró e barro. Eles projetam Caruaru. Formam a cultura da cidade.”

Acrescentamos aos pronunciamentos valiosos acima referidos alguns testemunhos de escritores caruaruenses e outros, catalogados pela pesquisa documental, por se tratar de gente que se envolveu com a cidade e sua Feira. Por isso, inicio esse item repetindo três reconhecimentos já expostos acima, por causa de seu notório peso qualitativo no propósito que anima a população de Caruaru e a cultura pernambucana:

De Kleber F. Rodrigues, cito de novo: “(...) *os mercados persas e turcos não causam inveja aos caruaruenses, quando se trata de **diversificação, criatividade, efervescência cultural*** (negrito meu)”.

Frase esta lapidar para se entender o porque do desejo da sociedade caruaruense, da intelectualidade do nosso Estado e do IPHAN de que seja declarada Patrimônio Cultural Brasileiro! Diversidade, criatividade e efervescência: não são, por acaso, três características do ser e do fazer cultural? Não integram essas dimensões da Cultura o conceito do Patrimônio Imaterial? Não fazem parte daquilo que Mário de Andrade enfatizava ao falar em *cultura espiritual*?

Tem a Feira o papel fundamental e preponderante de manter as tradições e a continuação da produção artesanal, já que esta recebe parques auxílios governamentais oficiais. É o que nos afirma Rodrigues, nesta segunda ponderação, aqui repetida:

“A Feira de Caruaru é uma das representações do passado e do presente desta comunidade; é história viva desta região, é o referencial da continuidade da história deste povo do Agreste pernambucano e nordestino” (RODRIGUES, 1995).

Trata-se de uma sentença que acrescenta às características da frase anterior o aspecto da *tradição*, compreendida e vivida como realidade existencial, carregada, preñe de sentido, inserida nela a dimensão da transmissibilidade, expressa na continuidade e manutenção de representações: passado e presente se envolvendo mutuamente, num misto de reinvenções e continuidades, na fidelidade dinâmica ao que “meu avô, minha mãe me ensinou”, ao legado que tem de ser respeitado e perpetuado, à procura de soluções novas para problemas técnicos e financeiros ligados ao fazer artístico e utilitário, mas sem perder a autenticidade da inspiração e finalidade iniciais dos mais velhos, dos primeiros criadores.

A importância para a vida local é econômica e cultural, por manter esta tradição da culinária pernambucana e de todo Nordeste açucareiro, originada nas cozinhas dos engenhos de açúcar da época colonial, quando se amalgamaram elementos indígenas - a mandioca e determinadas ervas -, a utilização do coco pelos africanos e as formas de cozimento, de torrar e de assar, trazidas pelos portugueses.

VI. CONDIÇÕES DE SUSTENTABILIDADE E APOIO À FEIRA

No correr das reuniões semanais do Relatório Preliminar e do Inventário, coordenadas por mim, participadas por toda a equipe de pesquisadores e técnicos, com a assistência das técnicas responsáveis pelo Setor do Patrimônio Imaterial da 5ª SR, fomos recolhendo e elaborando as “Condições de Salvaguarda e Sustentabilidade da Feira de Caruaru”. Elas foram fruto das esperanças, desejos, críticas e sugestões dos próprios feirantes e artesãos. Eles estão lá, no dia-a-dia de suas atividades; portanto, sabem melhor do que ninguém as necessidades e problemas da Feira. Elencamos tudo isso em propostas, como seguem:

6.1. Para o IPHAN e o Ministério Público

Verificamos a situação de vulnerabilidade dos artesãos que vendem seus produtos diretamente para turistas e viajantes estrangeiros, e, mesmo, os que são levados para o Exterior, a fim de mostrarem sua arte e lá venderem suas produções. É grande o perigo de se tornarem vítimas inocentes de patenteamento de sua produção no Exterior, o que está a exigir medidas rápidas no campo das salvaguardas e dos direitos autorais, por parte do IPHAN e do Ministério Público.

6.2. Para o IBAMA

Sentimos a necessidade urgente de sugerirmos a este órgão de defesa do nosso Patrimônio Biológico a demarcação de uma área, próxima ao Alto do Moura, destinada ao plantio de uma mata destinada exclusivamente para plantio e cultivo de madeiras destinadas aos fornos dos artesãos, a fim de continuarem a queimar o barro das obras de artesanato, visto que, por depoimentos de diversos deles, o cozimento no fogo à lenha dá mais consistência e melhor acabamento do que por forno elétrico.

6.3. Para a Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco e do Município de Caruaru

Sugerimos e solicitamos para que as batidas policiais realizadas na Feira do Troca-Troca se façam apenas quando existem mandados de prisão e/ou denúncias formais de roubos de artigos comercializados ou trocados nesta Feira; que neste caso, as ações policiais se restrinjam aos meliantes denunciados e não a todos os vendedores, indistintamente, como os pesquisadores tiveram ocasião de presenciar.

Um outro pedido para estes órgãos governamentais, estadual e municipal é no sentido de que atendam a solicitação generalizada de vendedores e compradores por uma política mais efetiva de segurança, seja através de maior policiamento ostensivo, seja através de rapidez nas ações de repressão a assaltos a compradores e a estabelecimentos da Feira

6.4. Para a Prefeitura Municipal de Caruaru

Os feirantes insistiram conosco, por diversas vezes, no sentido de se garantir uma maior limpeza do local da Feira, sobretudo o setor onde se vendem alimentos. Ao mesmo tempo, nos pediram que déssemos a sugestão para que fosse providenciada a construção de mais sanitários, na área do Parque 18 de Maio.

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A FEIRA - LUGAR DO CULTIVO E DA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E DE MEMÓRIAS

Muito importante o trecho da entrevista com o compositor da “Feira de Caruaru”, Onildo Almeida, naquilo que ela revela de bens culturais que se encontram em situação de *memória viva*, isto é de lembranças de algo que não desapareceu, não se esvaiu; que pode ser reconstituído.

O depoimento tem importância, igualmente, no sentido de que ele alude a diversos tipos de bens sobre os quais uma parte mais consciente da população de Caruaru tem demonstrado desejo de que sejam recuperados, seja para informar às novas gerações a sua existência, a fim de manter os diversos usos e costumes perenizados nas tradições e nas memórias da Feira, seja para perpetuar os significados inerentes a cada bem citado: calça de alvorada, fósforo sete lapadas, e a relação destes com o “matuto”, o trabalhador rural, de poucas posses e poucos recursos para renovar seu estoque de vestuário - tendo que se limitar a uma calça apenas para o ano inteiro - além de sua simplicidade de hábitos de consumo, que o fazia preferir o “sete lapadas” aos fósforos industrializados. Além disso, este jogo de preferências desmistifica a impressão do senso comum, de que os bens ofertados pela indústria atual de consumo teriam atração irresistível para o conjunto da população. As práticas de consumo tradicional, expostas na Feira de Caruaru - e em outras feiras pelo Brasil a fora - demonstram a força da tradição e do costume se sobrepondo aos apelos do consumismo contemporâneo e com eles convivendo.

As evocações de Onildo Almeida, expostas na entrevista com ele, são do tipo da memória do *divulgar*, do *perenizar*, do *reconstruir*. As do segundo tipo, a memória do *guardar para si*, do *ocultar*, ele as deixou entrever nas lágrimas que brilhavam em seus olhos na inesquecível manhã de 24 de fevereiro de 2006, como já foi escrito acima. As lágrimas que escorriam de seus olhos - e de muitos outros dos presentes - ocultavam revelando a ocorrência desta segunda memória.

É apaixonante se constatar as mil e uma utilidades da Feira para o povão que dela se utiliza para preencher necessidades vitais, fonte que é de alternativas diversas e de manutenção de antigas estratégias de sobrevivência, hoje consideradas substitutivos para a consecução das urgências da vida negadas pela organização da sociedade de produção e consumo capitalista, marcadamente excludente!

Por fim, vivências outras do nosso cotidiano popular, expressas e vividas sobretudo nas feiras inúmeras pelo país a fora, sinalizadas, no caso de Caruaru, por autores como João Condé, cuja referência já reproduzimos acima, e que vale a pena repetir :

“O sol começa a esfriar (...) Agora é hora de fazerem compras os pobres da Lagoa da Porta, do pé do monte (...) também hora em que as bodegas estão cheias de matutos - muitos já embriagados bebendo aguardente (...). Os bêbados de fim-de-feira” (CONDÉ, 1960, p. 61).

Tais experiências vividas e repetidas **fazem parte, igualmente, do Registro da Feira em sua totalidade**, por reproduzirem no seu espaço e tempo elementos deste cotidiano popular que constituem fatos culturais permanentes, além de constituírem componentes importantes de nossos dramas sociais cotidianos.

VIII. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AUSTREGÉSILO, José Mário. (2006) *Rastros e Rostos da Feira de Caruaru*, Recife, (contribuição para este Dossiê: mimeo).

BARBALHO, Nelson. (1983), *Cronologia Pernambucana - subsídios para a história do Agreste e do Sertão* - 10º volume. Recife, Centro de Estudos de História Municipal / FIAM.

_____. (1980a) *Caruaru de Vila a Cidade - Subsídios para a História do Agreste de Pernambuco*, Recife, Editora Universitária UFPE.

_____. (1980b) *Trem da Saudade - Parada Obrigatória: Estação Caruaru*. Recife, ed. do Autor.

_____. (1974) *País de Caruaru*. Caruaru, Ed. da FAFICA.

_____. (1972) *Caruru Caruaru - Nótulas subsidiárias para a história do Agreste de Pernambuco*. Recife, UFPE.

_____. (s/ ano de publicação) *Documentos Históricos de Pernambuco - Sesmarias*, Vol. IV, p. 98. Recife.

CASTELO BRANCO, Ângelo e LIMA, Ana Cristina. (2005) *Trajetória de Vitorioso* (Depoimento de Luiz Lacerda, ex-feirante de Caruaru que se tornou grande empresário na mesma cidade) Recife, Indústrias Gráficas Barreto Ltda.

CONDÉ, José. (1960) *Terra de Caruaru*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A.

DEWAR, D., WATSON, V. (1990) *Urban Markets: Developing Informal Retailing*. Londres e Nova Iorque, Routledge.

DIAS, J.D, Oliveira. (1971) *Caruaru: subsídios para sua história*. Caruaru, Ed. da Prefeitura Municipal.

FERREIRA, Eduardo. (junho de 2006) “A força de uma feira”. In: *Revista Algomaís*, nº. 04, pp. 38-42.

FERREIRA, Josué Euzébio. (2002) “Caruaru nos Anos 60: Aspectos histórico-econômicos e educacionais” In: CALADO, Álder Júlio Ferreira (org.). *Educação e Protagonismo*, João Pessoa, Idéia.

_____. (2001) *Ocupação Humana do Agreste Pernambucano - Uma abordagem antropológica para a história de Caruru*, João Pessoa, Idéia, 2001.

MIRANDA, Gustavo. (2004) *Caruaru: a Feira que se fez cidade... Investigando limites potenciais de uma relação espacial*. Monografia de Conclusão de Curso em Arquitetura, Recife, UFPE (mimeo).

NEVES, André Lemoine. (2003) *Estudo Morfológico de Cidades do Agreste Pernambucano - Séculos XVIII e XI*. Dissertação de Mestrado em Conservação Urbana, apresentada ao MDU. Recife: Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE, (mimeo).

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARUARU. (2002) *Plano Diretor “Perfil de Caruaru - setembro de 2002”*. Caruaru.

REIS FILHO, Nestor Goulart. (1968) *Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil (1500- 1720)*. São Paulo, Pioneira/EDUSP.

RIBEIRO, René. (1972) *Vitalino, um ceramista popular do Nordeste*. Recife, Ed. da FUNDAJ.

RODRIGUES Fernando, Kleber. (1995) *A Feira de Caruaru: Origem Histórica, Questões Econômicas, Sócio-Políticas e Culturais*. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação, Caruaru, FAFICA (mimeo).

SAMPAIO, Theodoro. (1949) *História da Fundação da Cidade de Salvador*. Salvador, Tipografia Beneditina Ltda.

The Ford Foundation. *Public Markets as a Vehicle for Social Integration and Upward Mobility* (Traduzido por Gustavo Miranda). Disponível na Internet em: www.pps.com. Acessado em: 28 de maio de 2004.

Periódicos Consultados

Jornal *Diário de Pernambuco*, Recife. Edições: 05/06/1984; 15/05/1988; 25/12/1992; 16/06/1994.

Jornal do Commercio, Recife. Edições: 01/01/ 1993; 06/ 08/1993; 27/ 02/ 1994;14/ 05/ 1994; 18/ 05/ 1997; 11/ 07/ 2002; 28/ 08/ 2003.

Jornal *Vanguarda*, Caruaru. Edição: 18/05/2002.

Revista SERPRO, Ano I, nº. 10 - maio de 1976.